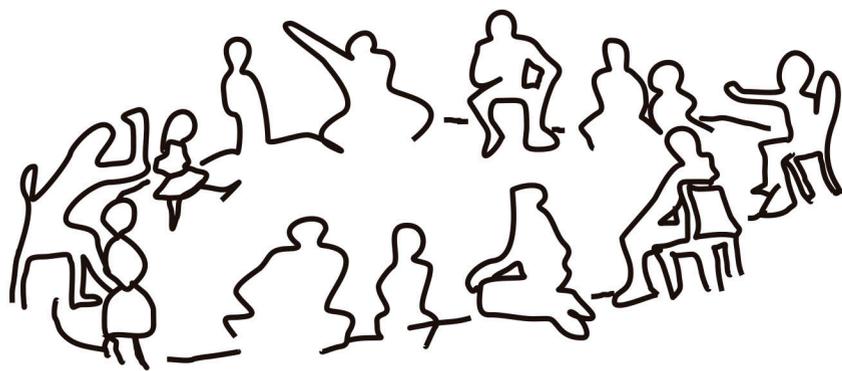


# Crônicas de uma

# Educação Possível



Bruno Martins

Com quantas possibilidades se faz uma rotina escolar?

Quando educadoras, educadores e estudantes abrem os olhos para deslumbrar as relações entre pessoas e espaços, sentimentos, limitações e se entregam às experiências e experimentações, à reflexão dos fracassos e à alegria do sucesso, o infinito das possibilidades é potencializado.

Aqui, o Bruno com suas crônicas cativantes, flutuantes entre a literatura e o literal, se responsabiliza por nos oferecer relatos que removem o imaginário sobre a escola que gostaríamos de ter. Para quem há pouco tempo iniciou sua jornada na educação, os textos apresentarão a beleza que existe na profissão educadora; para quem já passou do meio do caminho, poderão renovar a paixão de possíveis relações desgastadas.

Para quem acha que a escola é apenas um espaço secularmente preparatório de massas alienadas para o mundo competitivo, as crônicas darão tapas nas orelhas das falsidades ideológicas que se dizem sem partido. Para que acordem e escutem:

– A única impossibilidade da escola é a neutralidade!

Crônicas de uma  
Educação  
Possível

Bruno Martins

## ***Ficha Técnica***

Edição: Francisley da Silva Dias

Revisão: Denise Malta de Andrade

Diagramação: Marcus Munhoz

Arte da capa: José Maurício Martins "Urso"

pulsaodescrita.com

optchadesign.com.br

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Martins, Bruno

Crônicas de uma educação possível / Bruno  
Martins. -- São Paulo : Lampião Conteúdo e  
Conhecimento, 2018.

Inclui índice

ISBN 978-85-53023-01-1

1. Crônicas brasileiras 2. Educação 3. Educação -  
Finalidade e objetivos 4. Professores e estudantes  
5. Relatos pessoais I. Título.

18-17033

CDD-370

#### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Educação : Crônicas brasileiras 370

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Contato para compra de livros ou outras informações:  
[bruno@lampiaoci.com](mailto:bruno@lampiaoci.com)

A reprodução parcial ou total deste livro não só é permitida como incentivada, desde que não vise o lucro de indivíduos ou empresas e a fonte sempre seja citada.

*Este livro está dedicado a todas as crianças, adolescentes, famílias, educadoras e educadores com quem tive o prazer de conviver nos últimos anos e que são os personagens principais destas crônicas, e aos companheiros de trabalho da Escola Lumiar São Paulo, da Rede Nacional de Educação Democrática e da Reevo; por diferentes motivos, suas contribuições foram essenciais para que estas páginas pudessem ser escritas.*



# Agradecimentos

Agradeço profundamente à *Giovanna* e ao *Francis*, ambos fundamentais para a realização deste livro: a ela pelo incentivo constante, pelas leituras pacientes, histórias compartilhadas e pelo apoio cotidiano e amoroso no trabalho solitário da escrita; a ele por estar presente desde a elaboração do projeto, pelas inúmeras revisões, reuniões editoriais nos bares e cafés e por aceitar minhas escolhas por ignorar, aqui e ali, certas normas gramaticais: que fique claro, os “erros” são todos meus.

Agradeço a todos que permitiram que contasse estas histórias, algumas comoventes e pessoais; embora não cite nomes, pedi sua autorização, ao menos aos que consegui entrar em contato. Pedi permissão sabendo que se reconheceriam nas páginas deste livro, e todos me confiaram estas memórias. *Carlos Trejos, Justo Méndez, Damião Diniz Vieira, Marcia Moraes, Tiago Knob, Yvan Dourado, Osvaldo de Souza, Cátia e Pedro Iglesias* também fizeram o mesmo, e agradeço a generosidade. *Ana Alencastro* foi uma parceira imprescindível em grande parte das histórias, sobretudo nas que “deram certo”.

Fundamentais também foram as leituras e comentários de amigas e amigos que se dispuseram a ler algumas destas crônicas. Não citarei todos os nomes por medo de esquecer algum, mas não poderia deixar de mencionar a leitura atenta e comovida da *Tainah Negreiros*, companheira de muitas das histórias aqui contadas; *Tathyana Gouvêa e Lara Gonzales Gil* me emprestaram seus olhares e algumas palavras nos textos em que tive mais dúvidas, evitando alguns deslizes. Muito obrigado, meninas.

*Denise Malta de Andrade e Marcus Munhoz* foram parceiros fundamentais na finalização do livro, ela com sua atenciosa revisão final, ele com sua diagramação caprichosa.

Agradeço por fim ao *Zé Maurício Martins “Urso”*, que leu os textos e criou a capa com seu habitual talento e bom gosto, e ao *Renato Nunes Dias*, parceiro de muitas jornadas e agora mais essa, com o suporte da Lampião.



# Sumário

- 1 - Certeza
- 2 - Meninos
- 3 - Invisíveis
- 4 - Exorcismo
- 5 - Exclusão
- 6 - Lado a lado
- 7 - Autonomia
- 8 - Hora do lanche
- 9 - Meninas
- 10 - Ocupações
- 11 - Desconstrução
- 12 - Reflexo
- 13 - O susto
- 14 - Escudo
- 15 - Bogotá
- 16 - Antagonismo
- 17 - Palavras que dizem
- 18 - Medida
- 19 - Miopia
- 20 - Partidas
- 21 - Desperdício
- 22 - Olhares
- 23 - Leitura
- 24 - Assombramento
- 25 - Concentração
- 26 - Convivências
- 27 - Intimidade
- 28 - Conflito
- 29 - Assembleias
- 30 - Consequências
- 31 - Fala
- 32 - No mundo
- 33 - Camaradagem
- 34 - Recepção
- 35 - Músico
- 36 - O mestre
- 37 - Alguém
- 38 - Aprendizado
- 39 - Mérito
- 40 - Elogio à falta de desconfiança



# Introdução

As histórias contadas neste livro pretendem mostrar um pouco das dinâmicas e possibilidades que surgem ao se trazer para o ambiente escolar práticas democráticas de participação, em diversos sentidos. Fala-se em ouvir as crianças, compartilhar responsabilidades, desenvolver autonomia, mas faltam exemplos práticos, de quem vive o desafio diário de uma educação que, por princípio, é mutável, transformando-se a si mesma.

Apenas sensibilizar não é o suficiente. Estamos propondo algo tão diferente das experiências escolares da imensa maioria, que é fundamental detalhar o máximo possível os caminhos e descaminhos que viemos percorrendo. Não para criarmos modelos a serem seguidos, mas para ampliarmos o olhar e a perspectiva sobre uma outra educação possível e desejável.

Mas sensibilizar também é fundamental. Algumas destas histórias ouvi de educadores e educadoras que conheci nestes últimos anos, e todas rondaram meus pensamentos desde que as ouvi, por sua força, por sua síntese. Pedi licença e as contei por aqui.

Das experiências pessoais, também recordei algumas que muito me emocionaram, mas há uma preocupação em abarcar o máximo de temas possíveis: as relações, os dispositivos de participação, as diferentes formas de aprender, de avaliar, de organizar e também os equívocos e as dificuldades.

Tenho a impressão de que quando sugerimos que a escola faça assembleias, por exemplo, mas não compartilhamos os

desafios, não damos exemplos do que deu certo e o que não nas nossas experiências, podemos gerar uma empolgação inicial, mas que logo pode se tornar uma frustração, uma sensação de incapacidade. Pois se mesmo nas escolas e espaços que têm essa prática há bastante tempo estes mecanismos ainda flutuam, oscilando por conta de inúmeras variáveis, imaginem para os que acabam de começar nesse caminho?

Por isso é fundamental pensarmos sobre a ideia do “não deu certo”. A educação que propomos – embora haja diferenças significativas nas experiências em contextos diversos, existe uma base comum – não apresenta um caminho reto e certo, que num passe de mágica transformará aquele ambiente escolar rígido e triste em um ambiente de camaradagem constante e aprendizado voraz. Quando falamos em partir do interesse dos estudantes, não quer dizer que estes interesses estarão na ponta de suas línguas tão logo os perguntemos. Quando falamos em autonomia não significa que cuidarão uns dos outros e dos espaços tão logo lhes dermos liberdade, uma autorregulação inata e pronta para florir.

Na primeira vez que visitei uma assembleia de uma escola democrática, no meio do debate houve uma briga feia entre dois estudantes. Não tinha a ver com o que estava sendo discutido na hora, mas com uma relação difícil e antiga entre os dois. Depois, conversando com os educadores, me contextualizaram o episódio, a trajetória de cada um e como observavam aquele momento do desenvolvimento deles. Pra mim serviu para deixar claro que, não é porque buscamos um ambiente de respeito e liberdade, de participação e autonomia, que o teremos sempre nestas condições, com todos sorridentes e empolgados. Mas é justamente por estarmos conscientes desta realidade que podemos melhor intervir nela, objetiva e intencionalmente. Quando partimos de um modelo pronto, como a escola tradicional que conhecemos, a estrutura não está aberta a mudanças de acordo com os humores do momento e as características daquela comunidade. Os indivíduos que não se adequam têm um caminho previsto – nota baixa, sair de sala, advertências e ocorrências para casa, repetir de ano, expulsar da escola. As características individuais e coletivas – pois o coletivo varia de acordo com os indivíduos

que o compõe – não alteram a estrutura, se ajustam a ela.

Com essa questão em mente é que resolvi reunir estas histórias, para compartilhar as experiências que vivi e ouvi sobre uma outra educação possível, desde contextos específicos e limitados, mas que podem servir – assim espero – para ilustrar as possibilidades que temos quando ousamos construir com nossos pares, com as crianças, adolescentes e famílias, um projeto educativo que seja significativo e que reflita, dentro de suas possibilidades, as características e interesses daquela comunidade.

Algumas crônicas tratam de assuntos paralelos, que embora não sejam exclusivamente do ambiente escolar, dialogam com a perspectiva pedagógica aqui apresentada. Há também alguns textos que se encaixariam mais como artigos, e embora destoem um pouco dos demais, abordam algumas questões que me parecem fundamentais nestas discussões, por isso acabei por incluí-los, para abranger um pouco das contradições presentes nos grupos, movimentos e redes que apoiam e fomentam estas experiências educativas.

Nunca é demais esclarecer que as ideias aqui presentes não se propõem definitivas e conclusivas; será fundamental que outros relatos assim apareçam, para que possamos nos referenciar em experiências mais variadas e por outros olhares. O que está narrado nas linhas que seguem aconteceu de verdade; embora a memória possa ter interferido em alguns detalhes, não interferiu no enredo fundamental dos acontecimentos.

No entanto, por mais que consciente de suas limitações, acredito que as crônicas aqui reunidas ofereçam uma visão abrangente dos aspectos mais relevantes desta educação possível que vamos, aos poucos mas sem hesitação, construindo. Que possam fomentar novas experiências e relatos.



# Certeza

Era a primeira vez que ficaria sozinho como educador responsável por aquele momento. Estava empolgado, tinha me mudado de estado para poder trabalhar em uma escola que proporcionasse justamente momentos como aquele, de debate e diálogo abertos. Acompanhava com grande entusiasmo aquela pequena assembleia semanal, onde o grupo de adolescentes discutia suas questões de convivência e outras que apareciam no dia a dia.

Desde que havia chegado na escola, atentava para tudo que poderia aprender, mas também surgiam ideias de como fazer diferente, via algumas possibilidades não aproveitadas. Ficar sozinho naquele momento seria a primeira oportunidade de propor algumas novidades, ver como seriam recebidas e no que resultariam.

Chegada a hora, alguém bate na porta e solicita minha ajuda para lidar com alguma situação longe dali, essas emergências inadiáveis do cotidiano escolar. Expliquei ao grupo que teria que sair, mas que poderiam iniciar por conta própria a reunião. Sabiam como fazer, mais do que eu inclusive.

Saí contrariado. Entendia a situação, mas que azar acontecer logo naquela hora. Durou uns 20 minutos, então voltei correndo para ver como estavam. A porta estava entreaberta. Espiei antes de entrar para não interferir na dinâmica, e lá estavam: em roda, discutindo organizadamente as pautas do dia. Um havia assumido a função de registrar os encaminhamentos, outra organizava a ordem das falas. Esperei um pou-

co mais, então pedi licença e sentei no meu lugar, mais um na roda. Que adulto responsável que nada!

Nos próximos anos, já como tutor daquele ciclo, incorporaríamos aquela distribuição de tarefas nas nossas assembleias: as funções de organização eram revezadas pelos estudantes e educadores, que experimentavam os desafios de conduzir uma reunião naquele formato. Democracia direta é algo complexo, sempre em constante transformação.

Também nos próximos anos viveríamos muitas situações em que nossos esforços de diálogo não resultariam em melhoras nas relações, ou que a organização das reuniões deixou a desejar. Mas daquela primeira experiência ficou o aprendizado mais significativo: é possível – havia enfim visto com meus próprios olhos – crianças e adolescentes desenvolverem sua autonomia vivendo-a na prática, conduzindo seus assuntos e formulando soluções para seus problemas. A partir daquele momento não era mais uma crença, mas uma certeza.

# Meninos

Chegamos eu e mais dois para uma conversa com cerca de 30 pessoas de outras escolas, que foram nos visitar e conhecer um pouco do que e como fazíamos. Era a parte final da visita, e a última pergunta que fizeram foi: o que vocês mais gostam na escola? "Eu gosto que aqui a gente tem voz. Em outras escolas, por mais que você argumente, você nunca é ouvido". O outro complementou com um exemplo desta voz ativa, contando de uma mudança que estávamos testando na nossa assembleia, processo no qual estava bastante envolvido.

Um tinha 14, o outro 12, e a gente ali disfarçando a cara de besta e o orgulho de uma molecada que tão cedo já demonstra tamanha desenvoltura, segurança e clareza ao falar sem medo, seja pra quem for. Como na ocasião de um grande e tenso debate entre a comunidade escolar, com mais de 100 pessoas reunidas em agitada assembleia, quando ele levantou a mão e mandou na lata sua pergunta, largamente aplaudida. E ainda comentou comigo, baixinho: "os adultos têm uma dificuldade grande de levantar a mão para falar, não é?"

-----

Em outra dessas visitas, perguntei quem queria participar e três quiseram. Na última hora ele quis também, e desceu conosco. Tinha acabado de voltar para a escola após um longo período recluso em casa, e na lembrança de todos sempre a cabeça baixa, evitando o olhar, falando o mínimo possível.

Agora estava na roda cercado por adultos desconhecidos, e por escolher estar ali.

Perguntaram sobre a maior diferença que sentiam desta para outras escolas. Levantou a mão e disse que a diferença mais gritante era a relação de afeto com os educadores, que em outras escolas mal sabem seu nome nem nada, e que ali sentia as pessoas se importando de verdade com ele. Não mencionou o fato de não haver provas ou notas, não falou da participação nas decisões, não falou do trabalho com projetos. Falou da relação de afeto.

E falou muito mais, falou um monte, falou até na vez dos outros. Falava e se empolgava, cabeça erguida, olhos nos olhos, voz equilibrada e segura; fez até piada, deu risada. Falou uma eternidade, falou talvez por todos os anos de silêncio e de reclusão. Falou de si e de nós, falava e se reconhecia.

Falou por muitos, muitos anos.

# Invisíveis

No fim do último ano de escola, antes de irem embora, convidamos outros que já haviam saído há alguns anos para uma conversa. A escola não tinha Ensino Médio, e ao terminarem o Fundamental precisavam voltar para o ensino tradicional. E aí, como fica?

Começou falando o mais velho, a caminho do terceiro ano em uma escola estadual. Falou que agora estava melhor, mas no começo foi difícil. Os conteúdos até que não, dava conta. Mas as relações, a falta de diálogo e a dificuldade entre os pares, “muita treta”.

Então outro, recém-chegado, lembrou de uma história da antiga escola, e mais outra. Ela, que não gostava muito de falar em momentos coletivos, pediu a palavra e relatou a sensação de ser invisível. Entrava e saía sem dizer nada, ninguém notava, ninguém a via. Entrou em depressão, remédio, até chegar num ponto em que simplesmente recusava-se a ir para a escola. Quem a visse não acreditaria, sempre sorridente e gentil com todos, caprichosa, comprometida, o estereótipo da boa aluna.

O depoimento mexeu com todos, e um a um foram levantando os braços e contando dos sentimentos num desabafo coletivo. Em comum a sensação de invisibilidade. Um deles, descobri depois, de tão travado pelo ambiente escolar, a mãe até comemorou quando relatamos a dificuldade que estava tendo em se concentrar em certos momentos, falando a toda e qualquer hora. Disse que conversaria com ele em casa, mas pediu que entendêssemos que, para o que era esse menino an-

tes, saber que estava falando muito era das melhores coisas que podia ouvir. Entendemos.

---

Logo no primeiro mês de atividades, percebi que todos que haviam saído da escola no ano anterior já tinham nos visitado, a maioria mais de uma vez. Vinham para matar saudades, participar de atividades, contar das novas aventuras em outras escolas ou para perguntar se já teríamos Ensino Médio no próximo ano. Tinha um que só havia ficado um semestre conosco alguns anos antes e até então, vezenquando, aparecia para passar uma tarde. Dizia que quando o mundo pesava gostava de ir lá porque se sentia bem, em casa.

Acho que alguma coisa de muito certo estávamos fazendo.

---

O perigo de termos referências escolares tão ruins é acharmos que o básico já é fazer demais. Certo dia, quando dei por mim estava todo bobo com um elogio.

Elogio?

Na avaliação que fez de mim, disse que gostava que eu não gritava. Caramba.

---

Começamos a gravar o filme que faríamos sobre a escola. O objetivo era conversar com estudantes que chegaram há pouco tempo e saber quais eram as maiores diferenças que sentiam em relação às suas escolas anteriores.

Antes das primeiras entrevistas conversávamos entre nós, da equipe de filmagem. Surgiram memórias das experiências passadas, e entre as vozes duas sobressaíram. Vieram assim, em sequência, e nunca as esqueci:

“Eu era o dezenove”

“Me faziam sentar de frente para a parede”

# Exorcismo

Estávamos fazendo um vídeo sobre a escola, colhendo depoimentos sobre as diferenças em relação às outras, pensando nos que acabavam de chegar e quase sempre tinham experiências escolares bem ruins e mesmo traumáticas. O que mais chamava atenção?

Os dois irmãos haviam chegado no ano anterior. O mais velho, adolescente, participava da equipe do filme, e sugeriu que falássemos com seu irmão pois teria muito a dizer. E disse. Sua aversão era impressionante, e o menino era de uma simpatia e gentileza ímpares, inimaginável toda aquela raiva vinda dele. Nos contou o mais velho que até então, passado um ano e meio, o pequeno ainda usava o uniforme da antiga escola como pano de chão, num exorcismo simbólico. Aos 6 anos.

Semana seguinte, na reunião com as famílias, contávamos sobre o projeto e das reflexões que estava nos proporcionando. A mãe dos dois pediu a palavra para contar da conversa a caminho de casa no dia da entrevista. Perguntou como foi o momento da gravação. “Fiquei emocionado”, disse o pequeno, mas não soube explicar por quê. “Saiu uma água do meu olho”.

Ela ainda contou que desde que haviam decidido mudá-los de escola, ele, o mais novo, passou a riscar no calendário, diariamente, cada dia a menos na antiga escola.

Riscou dias por 4 meses.



# Exclusão

Era sua segunda semana conosco, e conversando com sua mãe no fim do dia, perguntei o que ele dizia desses primeiros dias, como estava se sentindo. A inclusão é necessária mas traz grandes desafios, e era meu primeiro trabalho diretamente com uma pessoa com síndrome de down.

Ela contou que para ele os últimos dois anos tinham sido muito duros. No segundo ciclo do Fundamental começa a rotatividade de professores, e aos poucos a escola foi desistindo dele, ficava num canto desenhando o dia todo, não o desafiavam. “E sofria muito bullying”.

Era um menino carinhoso, mas às vezes ficava agressivo, xingava, e no auge da irritação tirava a roupa. Imagina isso numa turma de 40 sem um educador de referência, sem um trabalho de sensibilização com os demais, sem ninguém olhando pra ele?

“Ainda assim”, ela disse, “no último dia, depois de definido que iria mudar de escola, ele vira pra mim e diz: mãe, se eles pararem de me maltratar, eu fico”.

-----

Estava muito feliz com a mudança de escola. Já vinha com diversos incômodos, mas a gota d’água foi quando ligaram pedindo que buscassem seu filho mais cedo e, como não pôde, pediu que alguém fosse buscá-lo em seu lugar.

Chegando essa pessoa, alguém da escola perguntou há quanto tempo trabalhava com aquela família. “Nove anos”, e o comentário que ouviu foi: “que castigo, hein?”.

-----

Expliquei para eles os desafios que nosso novo companheiro de grupo traria. Seria preciso paciência para compreender e lidar com suas características mas também firmeza quando alguma atitude ofendesse nossas regras de convivência, que não precisavam ser negligentes por acharem que não seria capaz de compreender certas coisas, e que ele precisava desde o começo entender nossos limites. Trazia da escola anterior uma linguagem mais agressiva, xingamentos homofóbicos, não conhecia outras ferramentas para lidar com suas frustrações.

E foi exatamente isso que fizeram, entenderam e abraçaram o desafio da inclusão. E de tal maneira que, passados dois meses, a mãe me contou que tanto ela como os profissionais que o atendiam estavam impressionados com certas mudanças de atitude que vinha tendo fora da escola. Aproveitei um momento em que ele estava fazendo outra atividade, reuni o grupo e contei para eles o que sua mãe me havia dito, e que aquela conquista precisava ser compartilhada pois era fruto da responsabilidade e compromisso de todo o grupo. É preciso celebrar nossos acertos, compartilhar aquela sensação boa com nossos pares.

A conversa foi no fim de uma sexta-feira. Alguns foram embora visivelmente emocionados. Como não?

# Lado a lado

Certa vez um professor de educação física que trabalhou conosco por um tempo nos falou da diferença que fazia o fato de participarmos das atividades, que nas escolas por onde passou os momentos de atividades físicas, jogos e brincadeiras eram a hora do cafezinho na sala dos professores.

E assim tentávamos fazer, em tudo. Nas visitas à biblioteca também emprestavamos livros, participávamos dos momentos de leitura e compartilhávamos o que estávamos lendo. Em uma oficina chamada Conto Comigo, proposta e elaborada pelo Francis, escrevíamos considerando certos desafios, trabalhando com os microcontos: a cada semana escolhíamos se o limite seria 10, 12 ou 8 palavras, se as palavras geradoras – que cada um sugere num papel e pega aleatoriamente a sugestão de outro – seriam livres ou se precisariam ser, por exemplo, substantivos, ou ainda outras exigências.

O desafio dessa vez era diferente, escrever um poema usando apenas palavras que começassem com a letra ‘c’. No início rolava um buxixo na sala, alguns compartilhavam suas dificuldades com os demais, então ela pergunta se pode ir para a biblioteca escrever. Logo depois eu fui também, sentei no chão e ficamos cada um com seu caderno. Compartilhamos o silêncio por dez minutos, depois voltamos para a sala e todos leram suas produções; ela o primeiro, eu o segundo.

“Continuação, cadê? Criamos coisas curtas.

Coisas caídas, corações cismados, crimes cometidos.

Caramba!

Concretizando caminho.  
Começamos caindo.”

---

“Coisa canalha, caramba!  
Como? Como? Como?  
Consultei cartomante, curandeiro,  
Candomblé, cangaceiro...  
Chega! Cabou!

Consegui, convicto,  
Calar cada certeza cadavérica,  
Calhorda, cega, costumeira  
Cantando canções corriqueiras, comuns  
Contando cartas cantadas, criptografadas  
Colhendo cirandas completas  
Cerimônia? Complacência? Camaradagem?  
Clemência!

Caso consiga, continuarei  
Caso contrário  
Cansado, calado, contrito  
CUSPO certezas, comprovo:  
Coragem, criatura!  
Conto comigo.”

---

– Oi Bruno, tudo bem?  
– Não...

- Ôxi!
- Ué, não é pra ser sincero?
- Sim...

Certa vez conversava com a mãe de um menino, e ela contou de uma conversa que teve com o filho um dia depois da escola. Ele disse que gostava que quando eu não estava bem com alguma coisa, eu dizia pra eles. Dependendo do assunto eu falava sobre, às vezes só pedia maior colaboração e compreensão naquele dia. Segundo ela, esse era um aspecto da nossa convivência que muito lhe chamava atenção, que eu não escondia quem eu era.

Como podemos pretender “prepará-los” para o mundo e tudo o que vem junto negando nossa própria humanidade, nossas falhas, tristezas, frustrações...? Que tipo de exemplo infalível e inabalável queremos mostrar?

Exemplificamos um ser impossível, inexistente, e ainda exigimos que respeitem esta entidade imaginária.

-----

Na frente de todos me xingou. Estava nervoso sei lá por quê. Depois que se acalmou, me procurou para se desculpar. Aceitei, mas expliquei que suas ofensas aconteceram na frente do grupo, e portanto suas desculpas também deveriam ocorrer dessa forma, para que todos soubessem que tínhamos resolvido aquela questão. Foi difícil pra ele, mas conseguiu.

Um tempo depois, estava pedindo a um outro menino que revisasse algo que tinha feito, e veio ele me chamar de exigente e mandão. Expliquei que era o meu trabalho e que se quisesse discutir minha atuação que colocasse como pauta da nossa assembleia.

No fim do dia, na hora de ir embora, me viu conversando com outro e novamente invadiu a conversa com acusações. Eu já estava impaciente e respondi sem pensar: “ninguém te perguntou nada”. Fui embora com essa frase canalha na cabeça, dormi e acordei sentindo-me um grande babaca.

Dia seguinte, logo no começo, reuni todos e contei a história, das acusações e intromissões, minha falta de paciência

no fim do dia e a minha fala. Lembrei da vez que pedi que se desculpasse na frente de todos e que, como na hora havia mais pessoas na sala, achava justo também me desculpar assim. “Não acredito naquela frase nem gostaria de tê-la dito, me desculpe”. Ele aceitou.

O problema não é a gente errar, mas não ter humildade e coragem para reparar nossos erros, o que não se ensina falando, mas fazendo.

-----

Havia um momento que chamávamos de “Metas”, onde cada um colocava para si um desafio que seria reavaliado na semana seguinte. Podia acontecer também de alguém sugerir uma meta para outra pessoa, que decidia se aceitava ou não.

Poderia ser algo vinculado à escola ou qualquer coisa fora dela. Dormir mais cedo, chegar na hora, conversar menos nos momentos de concentração, falar mais nos momentos coletivos, participar mais das atividades físicas, enfim, tinha de tudo. Eu estava enrolando para fazer um exame de sangue, nunca fui muito de agulhas. Então pensei que se me compromettesse com o grupo, sentiria uma responsabilidade maior e faria o bendito do exame

Estabeleci como meta realizar o exame até o fim do mês. Na última semana do prazo, nos reunimos e a pergunta veio logo: “cumpriu sua meta, Bruno?”. “Aqui!”, e mostrei todo orgulhoso meu band-aid no braço.

Ganhei até um “parabéns” por ter vencido meu medo.

# Autonomia

Reunidos em uma mesa, me esperavam para que eu os ajudasse a resolver o impasse. Dois estavam incomodados pelo pouco comprometimento dos outros dois, que por sua vez alegavam não terem sido chamados mas depois concordaram que sim, tinham dado um migué mesmo.

Enfim, me esperavam. Perguntei se não seria interessante que tentassem resolver por conta própria, se não achavam que tinham capacidade para isso, afinal eram amigos. Não, já tentamos no outro dia e não adiantou. Mas e agora, insisti, será que se eu sair por cinco minutos não podem tentar outra vez chegar a um acordo? Toparam, e eu fui tomar um café.

Cinco minutos depois entrei na sala, trabalhavam, perguntei e sim, se resolveram e já tinham distribuído tarefas entre si.

Não gosto de tratá-los como cobaias, saindo discretamente da sala para ver o que acontece. Pergunto “querem tentar?”, e apresento meus argumentos. Não querem ou não conseguiram, eu ajudo, muito simples.

Nessa construção de autonomia eu acredito, consciente e honesta.



# Hora do lanche

Na mesa ao lado, um animado jogo de cartas rouba toda a atenção do suco de manga e da melancia. Vou até a mesa e peço para que depois daquela rodada façam uma pausa, vai sobrar muita comida.

Acontece a pausa, mas ninguém se anima em sair da mesa pelo suco e pela melancia. Dou uma lição de moral meio babaca sobre o desperdício e sento na outra mesa com aquela cara de bunda de professor ignorado, pensando na comida que ia pro lixo, no pouco caso deles para com isso e também sobre a validade da minha fala. O jogo segue animado.

Pouco tempo depois, levantam dois da mesa e vêm pegar o suco e a fruta. Volta o jogo. Termina outra rodada e vêm mais dois, então recebo a explicação:

“Combinamos que quem perdesse a rodada tinha que tomar um copo de suco e comer uma melancia.”

Jogaram até acabar a comida.



# Meninas

A discussão de gênero tomava conta de nossos debates nas últimas semanas. Após algumas meninas relatarem que ao usarem determinadas roupas ouviam de alguns meninos que estavam “indecentes”, decidiram que aquele dia todas iriam de shorts num ato simbólico para reforçar: cada um tem o direito de usar o que quiser.

Uma delas chegou de calça. Alguém perguntou se tinha esquecido o combinado, e ela respondeu: "Eu trouxe na mochila pra trocar aqui. Cê acha que eu uso isso na rua?".

Ela tinha 14 anos, morava em uma zona privilegiada na maior cidade do Brasil e não se sentia segura de fazer o curto caminho de casa à escola usando shorts.

Quem nega o machismo e a violência contra as mulheres numa sociedade como essa é cúmplice.

-----

Falávamos sobre possíveis perigos e precauções ao se usar a internet, sobretudo para os jovens. Alguns meninos falaram sobre a possibilidade de se tornar um vício, e sobre possíveis danos à visão por excesso de exposição. Um outro mencionou o cuidado com seus dados pessoais e os roubos virtuais.

A menina levantou a mão e disse que tinha medo de conhecer alguém através da internet e acabar sendo estuprada.

-----

Discutíamos alguns aspectos da educação democrática com professoras e estudantes de Pedagogia, e essa dúvida eu nunca tinha ouvido: como fazem com as datas comemorativas? Era uma pergunta nova, nunca tinha pensado sobre isso.

Imaginei que não fosse a esse tipo de data que ela se referia, mas fingi não entender e comecei dando o exemplo do 8 de março, quando paramos as atividades regulares para poder discutir o Dia Internacional da Mulher e a situação das mulheres em nossa sociedade, o machismo nosso de cada dia, a violência, os abusos, a desigualdade, a objetificação, enfim, e que não era um dia só de comemoração, mas de luta, reflexão e manifestação. Ia falar depois sobre as greves, mas ela redirecionou sua dúvida, então lembrei de outra história, do menino de 6 anos que colocou na pauta da assembleia o desejo de enfeitar a escola para o Natal. Explicamos que o Natal era uma celebração religiosa, algo íntimo e pessoal de cada um, que a escola não tinha uma religião e por isso não seria possível, mas que se quisesse poderia produzir enfeites para seu espaço individual e promover essa atividade com outras pessoas que se interessassem.

Datas importantes e cheias de simbolismo, como o 1º de maio e o 8 de março, são dias de lembrar e fortalecer as lutas sociais, as necessidades coletivas, e por isso devem estar presentes nas escolas e demais espaços educativos. O resto é perfumaria.

-----

Uma das meninas disse que se em todas as escolas as pessoas discutissem sobre isso, o machismo não seria tão forte como é. E complementou, do alto de seus 12 anos: "Não só no dia 8 de março, mas todos os dias!".

Levou tão a sério essa afirmação que escolheu o feminismo como tema de pesquisa, e no auge de sua militância resolveu se inscrever no campeonato de xadrez ao perceber que quase não tinham meninas participando. "Para equilibrar", disse. Compromisso é compromisso.

-----

A gincana era um evento muito esperado todos os anos. Havia uma comissão, formada por estudantes e educadores, que tratava de organizar as equipes, brincadeiras e jogos; as equipes definiam seus nomes, hinos e o desenho que representava cada uma. Dos 4 anos em diante, todo mundo era convidado a participar.

O futebol, que havia ficado de fora no ano anterior, tinha voltado em um formato diferente: não eram jogos corridos, mas disputas rápidas, individuais ou em duplas, e de acordo com a idade.

A primeira disputa foi dos menores, de 4 a 6 anos. Naquela edição me coube o papel de juiz, e ao primeiro apito a menina correu, driblou seu adversário com grande talento e fez o primeiro gol. Muitos aplausos e euforia.

Passou uma rodada e ela foi chamada novamente. Dessa vez não conseguiu driblar de primeira, mas correu atrás, recuperou a bola e correu para marcar seu segundo gol. Não havia sido sorte de iniciante, ela sabia muito bem o que estava fazendo. Jogava com técnica e raça, compenetrada, levando muito a sério o que estava fazendo. Na terceira vez caiu, machucou o joelho, levantou e seguiu jogando – mais um gol.

Na quadra cheia, perante toda a escola, entre meninos grandes viciados em futebol, a menina foi o destaque indiscutível nesse esporte ainda fundamentalmente masculino e machista.

Mal a conhecia antes, era quieta e tímida. Mas dali em diante, sempre que a gente se cruzava pelos corredores da escola, nos cumprimentávamos: “oi, juiz!”, “olá, artilheira!”, e seguia com um sorriso no rosto.



# Ocupações

Entramos na escola estadual no dia em que completavam duas semanas de ocupação. Não encontramos ninguém, parecia deserta. Após alguns minutos nos acharam, e nos convidaram para acompanhar o fim de uma atividade sobre fotojornalismo onde estavam praticamente todos, por isso a escola vazia.

Terminada a exposição e o debate, nos apresentamos, explicamos o motivo da visita. Havíamos discutido as ocupações, lido notícias sobre o movimento dos estudantes, e queríamos conversar com os protagonistas dessa história. "Vão ver que o que sai na mídia não é o que de fato acontece aqui", disseram. Bom, disso tínhamos certeza, mas nada como ver com os próprios olhos, sobretudo para uma parte da molecada acostumada a ver o mundo pelos filtros dos grandes meios de comunicação.

Trocamos perguntas e encontramos pontos comuns. Estão se organizando em assembleias e comissões, lá na escola fazemos assim também. "Ontem tivemos aula de yoga. Que escola pública oferece isso?", perguntava um, complementando que depois da atividade ficou "tranquilinho". Falamos do trabalho com projetos, pediram exemplos. Nossa molecada, aos poucos vencendo o estranhamento inicial, começou a tomar a palavra e contar como era uma escola que não tinha aulas de 50 minutos, provas, notas nem divisão por série.

Perguntamos sobre a relação com as famílias. "O pai dele vem toda noite dormir na escola", olha que legal. E a relação com as outras escolas ocupadas? "Direto, às vezes vai gente da-

qui pra uma outra, ou vem gente de escolas próximas pra cá".

Contaram da diretoria autoritária, e do estado em que encontraram algumas das dependências. "A placa dizia que teve dedetização, mas tinha que ver a quantidade de baratas e o tamanho dos ratos que tiramos da cozinha". Uma menina explicou a interdição na escada: "o segundo andar tá fechado, não precisamos de tanto espaço e assim evita bagunça, e a sala da direção também está trancada."

Nos guiaram pelos corredores e salas, aqui fazemos isso, ali fazemos aquilo. Um veio perguntar quanto tempo tínhamos, pois queriam preparar um cachorro-quentes para "oferecer pra meninada".

(Fiquei pensando nisso, na galera de escola pública mantendo-se na ocupação à base de doações e oferecendo logo o cachorro-quentes para uma garotada de escola particular, classe média pra cima. Que coisa.)

O tempo ficou curto, pena que não deu. Um dos nossos meninos os convidou para que fossem nos visitar na semana seguinte, conhecer nossa escola, conversar um pouco mais. Trocamos telefones; obrigado pela visita, obrigado por nos receberem.

Uma educação que se quer relevante precisa não apenas olhar para o mundo, mas vivê-lo, participar de sua construção. Naquele contexto, em que não pareciam haver condições para isso, aqueles meninos e meninas tomaram para si a responsabilidade. Que essa sensação reverbere ao longo de suas vidas, e seu exemplo inspire novas tomadas de consciência.

-----

Uma vez por ano passávamos a noite na escola. Durante o dia ninguém ia, chegávamos todos após o pôr do sol. Tinha brincadeiras, pizza, contação de história e depois das dez até videogame. Era uma sexta-feira, dois dias depois que a primeira escola foi ocupada, a primeira de muitas.

Naquela noite, por toda a cidade, muitas meninas e meninos dormiriam em suas escolas. Nós porque gostávamos da nossa, eles por quererem gostar das suas.

# Desconstrução

Na falta de um xingamento pior, apelou para um termo racista. Justificou-se dizendo que havia sido provocado, que o colega, já sabendo de sua facilidade em estourar, havia dito que nenhuma de suas ofensas o afetaria, e aquilo foi a pior coisa que conseguiu pensar. Sim, foi provocado, mas nada justifica o que havia dito e a sua atitude preconceituosa. E agora, como iria resolver? Só pedir desculpas não bastava, precisaria de algo que demonstrasse que compreendeu a dimensão e seriedade do seu ato.

O assunto foi levado para a assembleia semanal do grupo onde discutíamos as questões de convivência que apareciam. Encaminhamos da seguinte forma: deveria fazer uma pesquisa no fim de semana sobre o Apartheid e a desigualdade entre negros e brancos no Brasil, para apresentar na semana seguinte. Fez, e nos contou das atrocidades na África do Sul, das barbaridades da escravidão brasileira e suas repercussões até hoje.

O Apartheid tinha sido debatido recentemente pois um dos meninos estava lendo um livro sobre o assunto, por isso havíamos programado de assistir a um filme sobre a temporada na prisão de Nelson Mandela. Em determinado momento, policiais revistam brutalmente homens e mulheres negros atrás de passaportes. Uma não tinha e quis discutir, estava com um bebê de colo. Foi empurrada no chão com bebê e tudo.

Aquela cena o tocou de tal maneira que começou a chorar desesperadamente. Soluçava e gritava: “racistas filhos da puta!”. Dissemos que se acalmasse, que era um filme. “Não é, isso aconteceu de verdade!”.

Chorou por muito tempo, não sei se pensava na sua própria atitude, se sentia vergonha, não perguntei. Sei que umas semanas depois fomos visitar uma escola municipal que levava o nome do Mandela e que tinha um projeto muito interessante. Uma amiga educadora estava trabalhando lá e nos convidou. Desde que entramos ele estava muito comovido. Havia estudado em uma escola pública quando pequeno e lembrava dela a todo momento, falava do espaço, do refeitório, do lanche...

Fomos para uma conversa com a diretora que nos contou todo o projeto, desde as pichações racistas no muro à percepção de que as meninas negras, quando pintavam princesas, eram sempre brancas e loiras. Assim surgiu a compreensão de que o projeto político-pedagógico da escola precisava ter a valorização da cultura negra como eixo fundamental.

Em dado momento a diretora perguntou se alguém já havia visto ou sofrido algum tipo de preconceito, e uma menina contou que tinha acontecido no nosso próprio grupo. Não falou nomes, mas todos sabiam a quem se referia. Ele ficou quieto, olhar distante, pensativo.

Chegando a hora de brincar com as crianças, perdemos nossos adolescentes, misturados animadamente entre os pequenos. Ele, que sempre teve dificuldades em se relacionar, quando vimos estava junto da molecada, e até mediando um conflito.

Na volta disse que adorou a visita, e nem precisava, estava em seus olhos. E com todo esse processo, não tenho dúvidas do aprendizado que viveu. Os preconceitos se aprendem e se reproduzem, e do mesmo modo podem e devem ser desconstruídos e combatidos.

# Reflexo

Tinham entre 4 e 5 anos de idade, em sua maioria negras, como negras eram as mãos e os cabelos e a pele e os olhos. Mas quando desenhavam princesas, essas eram brancas, olhos azuis, pele clara e cabelos loiros. Sempre.

A diretora então resolveu que chegaria um príncipe na escola, e espalhou a notícia, que correu na velocidade dos pequenos.

Na segunda-feira de manhã, lá estava o príncipe em seu trono, com vestimentas, coroa e tudo mais. Mas as crianças não falavam nada, passavam e era como se não o vissem. Aquele príncipe africano, negro como elas, ficou esquecido por uma semana.

No espelho que a cultura dominante oferecia, não era essa a imagem que viam refletida.



## ○ susto

O prefeito, como bom prefeito, descumpria sua palavra e não renovou o contrato. O projeto, que oferecia vivências e possibilidades às crianças, jovens e famílias da área mais vulnerável de um dos municípios mais vulneráveis do estado tido como o mais desenvolvido do país, não custava mais que oito mil reais por mês. Oito mil reais...

Tiago Knob, um dos educadores e porta-vozes, contou que no meio das discussões acirradas dos primeiros dias depois da notícia, esteve numa reunião na Secretaria de Assistência Social da qual participava também, costumeiramente, um representante da Polícia Militar, que entrou e sentou ao seu lado. E foi essa a visão que teve a senhora, e por isso tinha dito a não sei quem que tinham prendido o Tiago, estava arrasada. Pensou que ele tinha se exaltado, falado algo que não devia.

Depois do susto geral descobriu-se a confusão. Ela, de tão perturbada com o que pensou ter acontecido, não pegou a cesta básica que tinha ido buscar, voltou pra casa atordoada e passando mal, por pouco não teve um treco.

Tiago me contou a história dela, de muito sofrimento e resistência em meio aos elementos mais cruéis da tragédia social brasileira. Não sabia ler nem escrever, passou a vida lidando com o que a vida lhe impôs. A mobilização chegou já na terceira idade, e foi uma das mães mais engajadas na luta pela permanência das atividades. Naquela mesma semana, alguém a encontrou na rua e perguntou onde ia tão apressada.

– Para a Câmara Municipal, deu no rádio que vão falar do projeto.



# Escudo

Como de costume em escolas democráticas, não havia uniformes, cada um vestia o que queria. Passado algum tempo, os estudantes começaram a pedir uniformes. Os educadores não entendiam, não fazia sentido. Mas insistiram, e explicaram: “com a roupa da escola não nos matam”.

---

A escola ficava em uma zona extremamente violenta de Porto Rico. Justo Méndez, um dos educadores, contou que nos primeiros dias houve uma briga, e a convivência de grupos rivais se mostrava impossível. Os educadores decidiram então fechá-la, mas os jovens a queriam. Sentaram para conversar, e o combinado ficou assim: para que seguisse aberta, das 6 da manhã às 6 da tarde não poderiam acontecer assassinatos. Foi o máximo que conseguiram, e durante a luz do dia nenhum daqueles jovens foi morto; de noite, cabia à realidade social decidir.



# Bogotá

Era uma escola grande e escura, nas periferias de Bogotá. Nos levaram para uma sala onde esperamos a chegada dos estudantes que viriam participar da conversa. As carteiras organizadas como conhecemos, enfileiradas e voltadas para frente. A diretora começou falando como costumam falar as diretoras: séria, movimentos rígidos e por tempo demais. Contou de um projeto de mediação de conflitos que pareceu interessante, mas que seria melhor apresentado pelos próprios estudantes. Será que funcionava mesmo ou era fachada?

Terminado o monólogo, nos apresentou e passou a palavra. A primeira coisa que fizemos, Yvan e eu, foi sugerir reorganizarmos a sala em roda, para que todos pudessem se olhar. Estranharam um pouco, mas logo estávamos em círculo e começamos a falar dos motivos de estarmos ali naquela manhã de segunda-feira. Contamos que trabalhávamos em experiências educativas não tradicionais, e perguntamos o que imaginavam quando falávamos de uma “escola alternativa”. Um breve silêncio e logo as primeiras hipóteses: mais liberdade? Mais participação? A sonolência inicial foi despertando. Como é trabalhar sem notas, sem provas? O que fazem? O que aprendem? Uma se preocupava com os conteúdos, não achava que poderia aprender de outro modo. O outro disse, empolgado, que gostaria muito de aprender a cozinhar. E as decisões, como são tomadas? Em quais outros espaços poderíamos realizar essa cultura de participação?

Sem o benefício do destaque, a diretora levantou a mão e esperou sua vez. Na roda sua voz mudou, a expressão corporal também. Em outro tom, perguntou e quis entender mais sobre a forma como trabalhávamos.

Na tarde do mesmo dia, em outro local, nova conversa com jovens bogotanos. As três meninas ficaram encantadas com tudo que dissemos, perguntaram sobre as escolas e sobre o Brasil, queriam aprender a falar português. A escola entristecida que conhecemos é onipresente, não respeita fronteiras, assim como o desejo de viver uma outra experiência.

A história da América Latina coloca sobre estes jovens, daqui e de lá, a responsabilidade de construírem na marra outra realidade social. “Na Colômbia pensamos que memória é falar das vítimas”, disse um educador de Medellín. Uma educação que aceite seu papel de auxiliar na descoberta e no desenvolvimento das potencialidades humanas, individuais e coletivas, pode de fato contribuir para essa construção. O que não será feito enfileirando-os todas as manhãs.

# Antagonismo

Durante toda aquela semana estivemos reunidos em Brasília, primeiro para o IV Encuentro Nuestra America (ENA), de educadores latinoamericanos, e em seguida para o III Conane, conferência nacional que contou com a presença de muitos dos que estavam no ENA. Dias de encontros e reencontros, debates, avanços, discordâncias, algumas frustrações e outras importantes construções. No entanto, a presença de um determinado pensamento muito me preocupou, sobretudo pela adesão parcial – mas significativa – entre os presentes, principalmente os brasileiros.

O rapaz, muito aplaudido, dizia que não há inimigos, que o único obstáculo está dentro de cada um, que se trata de uma luta interna. Na noite anterior, meu amigo Carlos contava do seu trabalho com moradores de rua em Bogotá. Dizia que era comum, entre eles, crianças indígenas e campesinas fugidas do conflito armado, que vindo para a cidade acabavam nas ruas, e pensei se o rapaz teria a audácia de dizer isso para elas.

A presença do tal Prem Baba no último dia me incomodou de véspera e não tive estômago para ver, mas parece que o discurso era o mesmo. Não existem lados, o processo é interior, somos todos um. Outro amigo saía no meio da palestra visivelmente incomodado, e questionou o mesmo: ele diria isso para as crianças de El Salvador, crescidas em meio à violência generalizada?

No mundo em que vivemos, e especificamente na nossa América Latina, dizer isso não é só ingênuo, mas uma violência. É colocar a responsabilidade da nossa desgraça social nas

costas dos que mais sofrem com ela, é minimizar ou mesmo desconsiderar as condições reais e materiais de miséria em que muitos vivem e o sistema econômico e social que promove e se beneficia do sofrimento da maioria.

Carlos disse que em Bogotá aconteceu algo muito parecido com o que vimos na cracolândia paulistana. Contou que a zona hoje é um dos metros quadrados mais caros da cidade, e que os que lá viviam seguem largados e abandonados à própria sorte pelas ruas bogotanas. Não existem lados, não há outro inimigo além de nós mesmos, guru?

Se você nega isso, automaticamente estamos em lados opostos. Uma educação que se quer transformadora, emancipadora, deve ter claro seus princípios políticos, e este debate pode ser uma boa oportunidade de vermos quem é quem, pois no discurso da inovação cabe muita coisa.

Nesse caso específico não se trata apenas de uma discordância, mas de antagonismo, e cada vez tenho mais claro quem caminha ao meu lado.

# Palavras que dizem

Já me havia aparecido algumas vezes este nome – Sugata Mitra – em textos ou vídeos recomendados por algumas pessoas. Parei pra ver, e fiquei bastante incomodado com o discurso apresentado. Acredito que novas compreensões sobre o processo de aprendizagem são fundamentais e algumas de suas observações muito pertinentes, mas não se pode perder de vista o contexto nem a natureza política das atividades humanas, e foi isso que me incomodou.

Na palestra<sup>1</sup> ele apresenta o caso em que baseia toda sua argumentação, sobre a facilidade com que crianças aprendiam a mexer em computadores por conta própria em experimentos que fez em diferentes lugares da Índia, e mesmo sobre outros assuntos complexos, apenas ficando sozinhas com um problema e acesso à internet. Apesar de o relato ser bem interessante, as conclusões que surgem daí, uma implícita e a outra não, são bem problemáticas: primeiro a ideia de que computadores são essenciais para qualquer criança em qualquer contexto (e ele nem entra na questão da idade), e que se são capazes de aprender sobre determinados assuntos por conta própria o mesmo vale para qualquer outra coisa, bastando que as deixemos em paz para que se desenvolvam plenamente. Fiquei pensando se também os valores, o pensamento crítico, a consciência social, a ética, a solidariedade, o respeito, a empatia, também surgem espontaneamente, independentemente do ambiente ou contexto social...

Em texto<sup>2</sup> publicado no Portal Aprendiz, Helena Singer conta sobre o Congresso Internacional de Educação Democrática em Hadera, e explica algumas das ideias deste que foi um dos destaques do evento.

1 [https://www.ted.com/talks/sugata\\_mitra\\_build\\_a\\_school\\_in\\_the\\_cloud#t-572626](https://www.ted.com/talks/sugata_mitra_build_a_school_in_the_cloud#t-572626)

2 <http://portal.aprendiz.uol.com.br/2017/04/13/democracia-grande-inovacao/>

“(…) Mitra defende que estamos a caminho de uma sociedade em que não haverá mais distinção entre saber e não saber, já que cada um de nós, conectados a algum dispositivo, teremos acesso imediato a todo o conhecimento do mundo”.

Então é isso, basta ter acesso à internet e todo conhecimento do mundo estará instantaneamente disponível, devidamente compreendido e elaborado pelo sujeito? Essa ideia estimula uma relação superficial e um tanto presunçosa sobre o conhecimento, como se este dependesse apenas de algumas breves leituras e que isso seja uma credencial para qualquer um sair pagando de entendedor. E continua:

“A seu ver, deveríamos superar definitivamente a tentativa de transmitir às novas gerações um suposto ‘conhecimento acumulado da humanidade’ e construir um currículo que se oriente pela busca das grandes questões da humanidade que, em última instância, referem-se a formar pessoas saudáveis, felizes e produtivas. Tudo o que aprendemos ou investigamos na escola deveria ser orientado exclusivamente nesta direção, tirando do ambiente escolar tudo o que nos adoce, entristece ou desmobiliza”.

Muita coisa num parágrafo só. A começar, “suposto” conhecimento acumulado pela humanidade? Uma coisa é a crítica ao currículo duro, imposto a todas as crianças de forma homogênea, excluindo ou deixando em segundo plano diversas áreas do conhecimento e da vida; outra é jogar tudo num mesmo saco e dizer que podemos nos dar ao luxo de prescindir de tudo que já foi produzido pela humanidade. Com essa lógica, corremos o risco de formar uma geração de sabichões generalistas, gênios para si mesmos, que acreditam estar reinventando a roda a cada esquina – um insight por dia!

Tirar do currículo o que entristece mereceria algumas aspas, ou fica em aberto a possibilidade de entendermos que a escola deve ser uma bolha para pessoas felizes e incríveis criarem startups enquanto se explode o mundo lá fora. Quando a gente fala da realidade muitas vezes nos entristecemos, nada mais humano. E isso, se bem trabalhado, mobiliza.

Sei que provavelmente não é isso que está sendo proposto, certamente não pela Helena e acredito que por ele também não. Mas acontece que a escolha das palavras diz muito, e ainda mais no momento em que vivemos, é irresponsável apre-

sentar um discurso que pode ser interpretado de forma tão ingênua. Por exemplo, quando no começo do vídeo ele usa somente o termo "obsoleto" para se referir ao sistema educacional, parece que a crítica não está na coisa em si, mas na sua funcionalidade. Ele vincula o sistema de educação moderno ao Império Britânico, e não há uma crítica sequer, apenas a constatação de que seria algo ultrapassado e que não servirá para as profissões do futuro. E se ainda servisse, tudo bem?

Que fique claro que estou referindo-me à fala, ao discurso, sobretudo na palestra que tornou-se tão conhecida. O projeto e as experiências certamente têm contribuições interessantes e que devem ser consideradas, mas há um cuidado fundamental no que se diz ou não, ou o discurso da inovação pode ocultar questões que simplesmente não podem ficar de fora da discussão pedagógica. É preciso dizer as coisas, dar nome, pois o que não se diz diz muito, diz mais até, e aqui o último grande incômodo. Contando de uma menina indiana que aprendeu inglês de forma autodidata e ascendeu socialmente com isso, ele escolhe a seguinte forma de contar a história para uma plateia nos Estados Unidos: "e hoje vocês devem conhecê-la, ela enlouquece vocês como atendente de call center" (referindo-se ao fato de os países ricos terceirizarem serviços como esse, tal qual por aqui você está no sudeste e é atendido por alguém no nordeste, onde o salário é menor), arrancando risos da plateia. Para o contexto dela imagino que tenha sido mesmo uma melhora na sua condição de vida, mas dizer isso dessa forma, fazendo piada, sem nem um parênteses para questionar que bosta de mundo é esse onde, para aquela menina, se tornar atendente de call center para consumidores estrangeiros representa um grande salto de qualidade de vida, é um tanto insensível. Como não falar disso, por 10 segundos que fosse?

Desejo que as crianças e adolescentes com os quais convivo sejam muito felizes, mas a única forma de ser plenamente feliz num mundo como este é sendo insensível ao sofrimento da imensa maioria, e isso eu não desejo para eles. Não desejo nem contribuo.

Que as alternativas para a educação não se abstenham das grandes questões humanas – políticas, sociais, econômicas – ou correm o risco de tornarem-se o cão tolerado pela gerência, por ser inofensivo.



# Medida

Na ânsia da transformação, cuidemos para não errar na medida e acabar jogando fora o que ainda nos serve. O novo é necessário, mas nem por isso pode se dar ao luxo de descartar tudo que é velho, principalmente quando ainda patinamos em algumas novidades.

Penso nisso quando vejo esse discurso fervorosamente contrário às aulas ou palestras, tanto em escolas como em conferências e encontros que buscam discutir e fomentar uma “nova educação”. Uma coisa é perceber a estupidez da onipresença das aulas expositivas como método de aprendizagem, outra é descartar suas contribuições como mais uma forma de aprender. Do mesmo modo, perceber a sonolência e ineficácia de eventos que se baseiam apenas em palestras e falas de “convidados” não significa que devemos abrir mão de qualquer espaço para que pessoas que tenham o que dizer possam desenvolver ideias de forma mais elaborada para pessoas que desejam ouvi-las.

“Ah, mas todo mundo tem o que dizer”. Certamente, e garantir espaço para que todos possam se colocar é fundamental. Mas é inegável que certas pessoas, em dado momento, têm mais experiência e mais a compartilhar que outras, reconhecer isso é só uma questão de humildade e consciência. Sei de minhas contribuições e valorizo minha trajetória, mas tenho todo o interesse em ouvir quem está nesse caminho há mais tempo desenvolver suas reflexões.

Durante um encontro latinoamericano, por dois dias

estivemos reunidos umas cem pessoas, entre educadores e ativistas de redes de educação, assim como interessados em geral. No meio dessa galera havia algumas pessoas com uma longa caminhada, enquanto outras recém chegavam. Por dois dias ouvimos todos por igual, o que para certas discussões é riquíssimo. No entanto, que agonia perceber que, findado o encontro, não havia tido a oportunidade de ouvir educadores de referência desenvolverem suas ideias com mais tempo e atenção. É democrático? Sinceramente, não sei. Havia pessoas que nunca tinham vivenciado o dia a dia em uma escola, mas o fetiche da horizontalidade colocou-as com o mesmo tempo de fala de quem há anos vive os desafios de uma outra educação. É inteligente da nossa parte fazer isso?

Não proponho, de forma alguma, que só falem “especialistas”. Quando debatemos o que queremos fazer enquanto rede de apoio mútuo, tempo igual para todo mundo, que se abram os microfones! Diversas dinâmicas e formatos que permitem essa troca horizontal foram colocadas em prática e tudo me parece positivo e promissor, avante! A educação é um tema que toca a sociedade como um todo, é natural e importante que todos tenham condições de participar e contribuir no debate educativo, desde que esteja claro o lugar de onde falamos. Ouvir as famílias, por exemplo, é fundamental em qualquer espaço educativo que se queira democrático e participativo, entender seus pontos de vista, suas percepções, angústias, críticas... Do mesmo modo, diversos grupos e pessoas que não são da área mas se interessam pelo tema vêm criando canais de divulgação e discussão, promovendo debates e ideias, buscando contribuir para estas mudanças.

Mas quando vamos discutir práticas, processos, dificuldades específicas do cotidiano escolar, é importante dedicar tempo e atenção a quem tem mais experiência nessa construção no dia a dia, no chão da escola. Quantas mesas de debates poderíamos ter presenciado, quantas histórias poderíamos ter ouvido, quanto conhecimento poderia ter sido compartilhado!

E ainda, precisamos exemplificar, falar da prática. Uma menina levantou a mão para trazer a questão do feminismo. Ótimo, essencial essa discussão, mas poderia ter sido feita com exemplos de situações, em como tentou-se lidar com

os frequentes casos de machismo e discriminação que ocorrem nas escolas e outros espaços educativos. Não basta sensibilizar, é preciso apontar possibilidades e caminhos. Senão, corremos o risco destas oportunidades tornarem-se apenas espaços para cada grupo trazer suas questões, ao invés de construirmos juntos estratégias para melhor lidar com elas no contexto educativo, motivo principal de estarmos juntos ali.

Dias depois, na conferência nacional, ouvimos por 15 minutos um educador chileno. Foi interessantíssimo, e fiquei pensando que, não fosse aquela oportunidade, não teria tido a chance de ouvi-lo desenvolver suas ideias, mesmo tendo convivido com ele todos aqueles dias. E não acho que deveria ser limitada essa oportunidade. As pessoas poderiam propor apresentações, mesas de debates, e o público que escolhesse quem gostaria de ouvir. A questão é o formato. Se sempre estamos em pé de igualdade em relação ao tempo de fala, fica difícil desenvolver ideias mais complexas. Uma coisa é responder perguntas que venham do público, outra é ser interrompido para que a plateia possa desenvolver suas próprias ideias a qualquer momento. As duas dinâmicas são necessárias, momentos de debate aberto e horizontal, e momentos de falas mais longas e individuais.

Do mesmo modo, a rejeição a qualquer coisa parecida com uma aula parece pirraça. Não acho que aula seja para todos, ou ao menos não todas as aulas. Se você tem um tema de interesse, ouvir uma explicação de alguém com mais conhecimento pode ser fascinante. Lembro de um professor de História que organizava todos os anos, para os alunos que iriam fazer vestibular, um “aulão” sobre a ditadura civil-militar no Brasil. Eu não ia fazer vestibular naquele ano, mas fui assistir. Foram duas horas de histórias, explicações, músicas, curiosidades e mais, que me abriram a cabeça e me fizeram compreender de forma mais abrangente aquele período. Ler um texto e discutir em grupo não teria tido o mesmo efeito; são metodologias complementares, não opostas.

Por isso é preciso ter muito cuidado quando falamos em “construir conhecimento”, pois existem maneiras bem distintas de se compreender esse conceito. No meu primeiro semestre da faculdade de História, só um ego inflado me faria acreditar que estava, desde já, construindo conhecimen-

to histórico. Menos. Primeiro eu precisava ler e conhecer os historiadores que tanto haviam pesquisado e estudado aqueles temas, compreender os debates e discordâncias dentro da historiografia, conversar com meus pares, considerar a visão de meus professores.

É claro que, do ponto de vista individual, interno, o conceito de construção do conhecimento é fundamental, precisamos defendê-lo em oposição à memorização pura e simples dos conteúdos. Mas para além do indivíduo, há todo um trabalho coletivo que precisa ser valorizado e conhecido, até para ser modificado. O que ocorre muitas vezes é que só o ponto de vista do conhecimento individual é considerado nessa perspectiva, o que gera superficialidade e frustração. Como o menino que chegou cheio de ideias, e passou os próximos dois anos pulando de uma a outra, mas não concretizou uma sequer. Na hora que sentávamos para organizar um planejamento para que alcançasse seus objetivos, hesitava, largava no meio; a inspiração é necessária, mas sem a transpiração, sem o esforço da pesquisa, da leitura, do debate, não há construção possível.

Por algum tempo, trabalhando em uma escola que não tinha provas nem notas nem aulas, estudávamos História sem usar muito o quadro, mas assistindo vídeos, lendo textos, debatendo. Havia um certo tabu não declarado, mas sentido, sobre os formatos mais tradicionais. Só depois percebi que poderia seguir fazendo tudo isso, mas que se antes dedicasse um tempo para colocar as informações no quadro, fazer uma linha do tempo, pedir que registrassem nos cadernos, as atividades renderiam muito mais, e de fato aprenderam muito mais. E antes que me falem de condicionamento, um dos estudantes mais animados com o novo formato era um que nunca havia estudado em outra escola, nunca teve uma aula formal, uma prova, uma nota. Na sua avaliação, escreveu que foi a oportunidade em que mais aprendeu, e de fato aquele conhecimento foi consolidado. Eu montava uma apresentação de cerca de meia hora, falava bastante, jogava umas perguntas. Após minha explanação, debatíamos, assistíamos algum vídeo, líamos um texto, e a consolidação dos conhecimentos só fez crescer, visível e inegavelmente.

Criar e debater hipóteses sim, acreditar no potencial e na contribuição individual de cada um sim, tornar o conheci-

mento acessível sim; brincar de reinventar a roda, não.

---

Principalmente para essa geração nascida na virtualidade, é fundamental trazer essa reflexão, para que as ferramentas sejam utilizadas como apoio, não como conhecimento em si. Uma dúvida pontual pode ser resolvida em poucos segundos, um texto mais elaborado pode ser encontrado rapidamente. Isso é incrível, desde que a busca não se encerre aí. É preciso ler, debater, ouvir outras percepções. O cérebro precisa elaborar, conectar as informações com outras lembranças e experiências vividas, estabelecer uma rede neuronal cada vez mais complexa que dê conta de conhecimentos complexos. Limitar esse processo à ideia de que tudo está disponível a um 'click' é pobre, falso e reforça a preguiça mental presente no mundo contemporâneo. Não precisa ler o texto até o fim, não precisa buscar e verificar as fontes, não precisa dedicar tempo e energia para falar com segurança sobre determinado tema.

Por isso a escola precisa contribuir de forma crítica neste processo, esmiuçar, dedicar tempo a sair da superficialidade dominante, aprofundar as discussões, instigar, desafiar e aprender nesse processo, já que este não é um desafio apenas dos jovens.

Naquele dia voltávamos caminhando da biblioteca. A discussão sobre a liberação do uso de armas começou entre dois, mas logo outros se juntaram e assim foram até a escola. Conforme seguia a conversa, ficou claro que precisaríamos de um debate mais aprofundado sobre o tema, tamanho o interesse demonstrado e a paixão de certas falas, contra e a favor.

Nossos debates aconteciam de muitas formas. Às vezes simplesmente sentávamos em roda e íamos trocando impressões a partir de notícias e informações prévias que cada um trazia sobre o tema. Em outras fazíamos dois grupos, cada um defendendo um lado. Às vezes você defendia o lado para o qual pendia sua opinião, em outras tinha o desafio de defender o lado oposto. Desta vez cada um que escolhesse sua posição no debate, e perguntei pro menino por que havia escolhido o lado contrário do que parecia defender nas conversas informais. Explicou que a princípio era contra, mas queria saber melhor sobre os argumentos a favor, e ficando naquele

grupo pesquisaria mais essa perspectiva.

Cada grupo buscou informações e organizou em tópicos seus argumentos para o debate. Gostávamos de brincar e fazer uma certa encenação, mesas frente a frente e o mediador no meio. Um minuto para apresentar, outro para a réplica e mais outro para a tréplica. Assim foi, até que chegamos a um impasse: ambos os grupos citavam uma pesquisa feita em um país que havia proibido o porte de armas, mas suas fontes divergiam sobre o resultado: enquanto uma afirmava que a violência havia crescido, a outra dizia que os índices baixaram significativamente desde a nova legislação. E agora?

Semana seguinte cada grupo teve que apresentar as fontes de onde haviam tirado aquela informação. Entramos nas páginas, e em uma delas não dizia nada sobre quem a escrevia, ficamos com um pé atrás. Pegamos o nome da pesquisa e buscamos na internet. A partir daí, as notícias relacionadas àquele estudo apontavam sempre uma melhora nos índices de violência, e concluímos de quem afinal era aquele argumento.

No fim ele manteve sua opinião inicial, mas a colocou à prova, esteve aberto a mudar de ideia caso os fatos assim apontassem, ouviu e considerou os argumentos contrários. O que antes foi uma opinião frágil, sem embasamento, tornou-se mais convicta, fundamentada, reflexiva. Tornou-se de fato uma opinião.

Não existe educação neutra, o que não é o mesmo que doutrinação. Doutrinar seria tomar a palavra e defender a preponderância da minha opinião, o contrário do que fizemos. Todos tiveram espaço para falar, mas alguns argumentos se mostraram mais contundentes que outros. A isso podemos chamar “construção de conhecimento”, construção essa que anda escassa hoje em dia, pois exige dedicação e compromisso.

É que, em tempos superficiais, a profundidade assusta.

# Miopia

Nunca esqueci a história dessa menina. Sei pouco, quase nada dela, mas seu exemplo nunca me saiu da cabeça.

Estudava em um tradicional e rígido colégio do Rio de Janeiro, que cobrava desde muito cedo uma quantidade imensa de conteúdos. Mas se esforçava, aceitava aquela dinâmica e tirava excelentes notas. Na escola nunca teve problemas de comportamento. Pensando dessa forma, e considerando as intenções e práticas da pedagogia tradicional, era um caso de sucesso: a educação que propuseram a ela era aquela, decorar conteúdos e se comportar adequadamente, o que ela fazia perfeitamente.

Acontece que a vida não se encerra na escola, e fora dela a sua era bem triste. Não socializava, pouquíssimos amigos, quase não saía, já numa mistura de cobrança externa e interna, aquela culpa permanente e o medo de decepcionar. Aprendeu a fazer uma coisa específica, e tudo mais que existe (a vida em si?) foi deixado para segundo plano. (Que contradição: da perspectiva desta pedagogia, um caso de sucesso; da perspectiva do desenvolvimento humano saudável e diverso, uma falha gritante).

Se uma menina em plena adolescência não está cheia de interesses e amizades, motivada com mil assuntos, explorando o mundo, seu bairro, sua cidade, o que seria mais importante de se avaliar? Como negar-se a auxiliá-la em seu desenvolvimento socioemocional, fingir não ver ou que não importa? Ou pior, que não é seu trabalho e sua responsabilidade?

Quando você olha apenas para determinados aspectos cognitivos, cria instrumentos para avaliar estes aspectos, ficando cego para todo o resto. E cego mesmo, pois do modo que funcionam as escolas em geral, o professor não tem incentivo nem condições de olhar para os demais aspectos do desenvolvimento, e as notas, provas, boletins, todos mostram apenas uma forma de avaliar a aprendizagem daquela pessoa.

Meu amigo Osvaldo tem uma analogia que gosto muito: uma prova é como se fosse uma fotografia, é um momento apenas, um click. Uma avaliação mais complexa e ao longo do processo é como se fosse um vídeo, você vê o desenrolar de cada coisa, tem um olhar mais abrangente e processual dos aspectos que estão sendo observados.

Isso é muito sério. Se o local que deveria olhar e auxiliar os adolescentes com as muitas questões dessa fase da vida fecha os olhos para tudo que não seja o currículo formal, e se em casa muitas vezes esse diálogo é inexistente ou frágil, como não relacionar esta forma de abandono emocional aos casos cada vez mais numerosos de depressão e suicídio entre os jovens?

A menina, não sei mais dela. Pode ter se revoltado ou aceitado de vez toda a pressão que sempre sentiu. Sei de um que revoltou mesmo, e não estranhei. A mãe dizia que não queria nada, que era preguiçoso, relaxado. Sentamos para estudar juntos pela primeira vez. Moleque gente fina, esperto, sabia muitas coisas, fazia relação entre elas, e tinha apenas doze anos. Na saída eu disse para a mãe o quanto ele estava bem em relação ao conteúdo, mas ela não aliviava na frente dele, e aproveitou para reforçar a necessidade de estudar mais. A escola era tradicional e exigente demais, e uma hora não aguentou, passou a não querer mais nada mesmo. Com a escola, digo.

-----

Como vai na escola nova?, perguntei. O problema, me disse, era a falta de diálogo, em ter alguém para conversar. “Tem a coordenadora, mas não dá pra conversar com ela como a gente conversava aqui”.

Falou isso e lembrei de uma cena que passamos juntos. Estava dispersa na atividade, pediu para dar uma volta e não

apareceu por um tempo. Depois me procurou para dizer que gostaria de ficar fora pois não estava bem. Era fim do dia, e sentei-me na escada. Sentou-se ao meu lado e nos pusemos a conversar. Falou de como estava difícil a relação com a mãe; reclamou, mas também reconheceu sua parte na história. Conteí algumas dificuldades que também tive na adolescência com a minha mãe, filosofamos um pouco sobre isso, pensamos juntos o que ela poderia fazer diferente para tentar melhorar a situação. Depois demos risada, um outro sentou-se ao nosso lado e assim ficamos, na escada, atrapalhando a circulação da escola na hora da saída.

O fundamental é prioritário.

-----

A cidade nem cidade era, um distrito de duas mil pessoas, pouco mais pouco menos. Ao lado outra, com as mesmas características. O colégio atendia a essa população, e se destacava nas avaliações padrões entre as melhores escolas rurais do Estado do Rio de Janeiro.

E realmente o projeto era interessante, educadoras e educadores comprometidos com o trabalho e com uma boa relação com os estudantes. Acontece que, por mais que se trabalhe bem, a concepção pedagógica limita a prática, o olhar, as potencialidades. Assim, tinha um moleque que “sobrava”. Era tranquilo, brincava com todo mundo, mas tinha repetido já uns três anos e devia estar com 15 naquela época. Eu ia uma vez por semana e fazia umas atividades no contraturno com um grupo do Ensino Fundamental, ele no meio. A multietariedade é potencializadora desde que feita direito, que seja pensada, intencional. Aquilo não era multietariedade, era o sistema sendo incapaz de lidar com as características dele. Gato escaldado, fazia graça da discrepância de sua idade com relação aos outros e das suas dificuldades em aprender determinados conteúdos. “Não consigo, sou burro”, e ria com os demais.

Eu pegava três ônibus pra chegar lá, e o último passava por onde ele morava, volta e meia nos encontrávamos. Mas certa vez entrou e não me viu. Um ponto antes da escola desceu e se embrenhou numa ruela. Não apareceu esse dia, e fiquei

pensando em duas coisas: o que será que ele foi fazer durante todas essas horas e como faz pra matar aula num lugar tão pequeno sem ser descoberto?

Penso que a primeira possa ser muito elucidativa desse limbo onde muitos estudantes passam seu tempo escolar. Será que ele explorava umas cocheiras rio adentro? Arrumava um canto para jogar bola? Subia em árvore? Ouvia rap? Lia um gibi? Alguma coisa ele fazia, algo lhe interessava, e por que isso não podia ser aproveitado na escola? Certamente tinha grandes habilidades, mas o sistema não podia computá-las, não estão no seu campo de observação.

Anos mais tarde, outra escola, outro contexto, situação semelhante. Após anos fora da escola voltou, era o mais velho. Conforme se enturmou com o grupo, começou a mostrar suas muitas habilidades. Apesar de mais quieto, intervinha como mediador sempre que julgava necessário, de forma respeitosa mas firme, sempre justo, uma referência para os demais. Quando enfrentamos o desafio da inclusão, foi um grande parceiro; lembro dele desenhando com as mãos as letras no ar para que seu colega lembrasse como escrever determinada palavra. Me fez críticas importantes em determinados momentos, compartilhou seus interesses e gostos pessoais, organizou batalha de rap entre os professores, se apresentou com a banda frente à escola inteira, dormiu na sala quando precisou.

E também matou aula.

# Partidas

Recebi a ligação. A notícia ainda não se confirmava, mas tudo indicava que sim, era verdade. Ficou apenas um semestre conosco, o último do Ensino Fundamental. Não chegamos a fazer coisas juntos, a não ser uma conversa aqui e ali, mas lembrava bem dela. Opiniões fortes, muito crítica, talentosa, sensível.

Dia seguinte todos já sabiam o que havia acontecido. Cancelamos o passeio que faríamos e nos sentamos para conversar, não havia outra coisa que pudéssemos fazer naquele momento.

Começamos falando dela. Frequentava o turno da manhã, assim que não era tão próxima do nosso grupo, mas todos lembravam do seu jeito e estavam visivelmente abalados. Sua antiga professora participou da conversa, e nos contou que, após algumas expulsões pelas escolas por onde passou, dizia que ali havia sido o lugar em que se sentiu mais aceita, que podia ser quem ela era.

Alguém falou de depressão, dos sintomas, de como ainda fala-se muito pouco sobre o assunto, que ainda é um tabu. Outro disse que já teve, e contou de como se sentia. Comentamos sobre a importância de cuidarmos uns dos outros, de estarmos atentos às pessoas ao redor, que às vezes não percebemos que alguém está com problemas mais sérios.

A morte não é assunto fácil para ninguém, ainda mais tão perto e tão trágica. Um falou de como se sentiu quando perdeu uma pessoa próxima, contei de um amigo que partiu cedo demais, e assim fomos compartilhando nossas perdas e dores. Uma menina falou da avó e chorou muito, choramos todos. Vivenciamos um silêncio cúmplice, essa dor inerente à condição humana para a qual encontramos conforto na cole-

tividade, no olhar do outro; quando comungamos a profunda empatia que prescinde de palavras.

A professora disse que seus ideais eram tão presentes em sua personalidade que pensarmos sobre eles seria uma forma de mantê-la viva, de valorizar e celebrar sua curta mas intensa passagem por aqui. E talvez seja essa a forma mais humana de lidar com a nossa inevitável finitude: celebrar e chorar nossos mortos, de mãos dadas.

# Desperdício

Desinteressado, desmotivado, poucos amigos, passivo, contido, introspectivo. Parecia mentira, ele estava com a gente havia quase dois anos, aquela descrição não tinha nada a ver com ele. Mas quem dizia era a mãe, era assim antes.

Sinceramente, já não lembrava como era quando chegou. Só sei que, desde que me lembro, nenhum daqueles termos cabia nele, chegando sorrindo e cheio de assuntos todos os dias, mil ideias e observações, comentários sobre qualquer tema, cercado de amigos e uma das figuras mais queridas da escola.

A mãe contou que em casa nunca para, está sempre aprendendo algo novo, assistindo vídeos de como fazer isso e aquilo, e que vem se posicionando sobre o que lhe incomoda cada vez mais, “o que nunca fazia”.

As escolas, em geral, são como as sociedades: na maioria das vezes, um desesperador desperdício de potencial humano.



# Olhares

“Podia ter me dedicado mais”; “Hoje não estava bem e acabei não participando muito, vou tentar participar mais na próxima”; “No começo não estava atento, mas no fim ajudei o meu grupo”; “Me envolvi pouco no projeto”.

Todas estas frases foram muito comuns ao longo dos anos trabalhando com a autoavaliação, que coloca os estudantes frente ao desafio de avaliarem a si mesmos ao fim da atividade e ao fim de cada projeto ou oficina. O educador também fazia sua avaliação, depois compartilhavam seus olhares sobre o mesmo processo, e sempre achei incrível como, na maioria dos casos, as avaliações acabavam parecidas. Eram muito sinceros e autocríticos, e conversando com educadores de outras escolas que utilizam instrumentos parecidos, confirmaram esta impressão. Parece que uma vez livres da pressão das notas e de passar de ano, sentem-se à vontade para reconhecer suas conquistas e dificuldades, no que foram bem e onde precisam melhorar.

Lemos juntos nossos parágrafos sobre sua participação em determinada atividade. Daquela vez nossas avaliações tinham ficado bem diferentes. Ele escreveu que já sabia todos os conteúdos trabalhados, e que não gostou muito pois já havia estudado aquilo tudo, que não aprendeu nada novo; eu, que por mais que ele mostrasse familiaridade com muitos dos temas estudados, mostrou dificuldades em relacioná-los entre si e se aprofundar nos assuntos para além da memorização; disse ainda que via esse potencial nele, mas que não havia dado a

oportunidade de se envolver e contribuir com seus conhecimentos prévios, além de ampliá-los. Exemplifiquei com algumas perguntas que teve dificuldades ou não soube responder, deixando mais claro a que me referia em minha avaliação.

“Tá justo?”, perguntei. Fez que sim, selamos um consenso.

-----

“Eu acho que não aprendi nada nesse projeto, não prestei muita atenção”. Tinha escrito isso em sua autoavaliação, e fomos ver os tópicos dos conteúdos e habilidades trabalhadas para avaliarmos juntos como estava em relação a cada uma. Perguntei:

– Lembra algo disso aqui?

– Não...

Então relembrei como tinha sido a atividade e do que havíamos falado, e ele mesmo tomou a palavra e foi lembrando aos poucos das nossas discussões. Próximo tópico e novamente disse não saber. Conforme fui relembrando, foi encontrando as informações em algum lugar do cérebro, passou a fazer conexões mais elaboradas, do próximo tópico já lembrava um pouco mais e assim fomos.

Terminada a revisão dos tópicos, perguntei se gostaria de reescrever sua autoavaliação, quis. “Até que eu aprendi bastante coisa”, escreveu surpreso, e passou a contar sobre as informações mais interessantes que descobriu que sabia. O conhecimento estava lá, só precisava de ajuda para encontrá-lo e percebê-lo.

Tivesse feito uma prova, receberia um zero. E este zero, que diria sobre a realidade?

# Leitura

Outra canalhice que se comete é dizer que a molecada de hoje não lê, não sabe o que é um livro, que só querem saber de eletrônicos. Mentira. Tendo oportunidades e bons leitores por perto, a leitura ainda encanta e arrebatada, como sempre fez.

Entre com eles numa biblioteca de grande porte e veja se não causa um arrebatamento. Em mim causa, pois vendo aquele mar de palavras e frases e ideias, sinto-me pequenininho perto de tudo que ainda não sei e do que nunca saberei. Isso o mundo virtual não poderá substituir, a presença física das coisas, os cheiros, o toque. Um acervo no celular, por mais que útil – e não estou de forma alguma diminuindo sua relevância – é só uma lista infinita de nomes e títulos. Um acervo em uma grande biblioteca é um tapa na cara.

Passamos a frequentar desde o começo daquele ano, quinzenalmente, uma grande biblioteca pública. Todo trimestre tínhamos a oportunidade de reorganizar nossa rotina, mantendo algumas coisas e mudando outras. Unanimemente, as idas à biblioteca mantiveram-se.

-----

Era véspera de férias. Viajaria com a família, e queria levar uns gibis e mangás para ler durante a viagem. Ele, que sempre tivera dificuldades significativas na leitura e na escrita, descobriu na gibiteca que frequentávamos que o ato de ler poderia ser divertido e interessante.

Era muito amigo de duas meninas do turno da manhã,

contou para elas sobre sua descoberta e me pediram para ir junto neste dia, queriam fazer a carteirinha e levar algumas leituras para as férias.

Chegando lá, cada um dos três separou uns 15 exemplares para levar. Eu já estava emocionado ali mesmo, pois uma das meninas, da qual eu tinha sido professor anteriormente, também apresentava dificuldades – ambos eram disléxicos – e agora estava ali com quilos de leitura, animadíssima.

Por tudo isso, me doeu no fundo da alma quando o funcionário nos explicou que nada feito: precisariam devolver os livros em até 15 dias (as férias eram de um mês) e além disso, o máximo que uma pessoa poderia levar eram 10 exemplares, o sistema não permitiria. Um balde de água fria.

De repente, o rapaz parou, pensou e disse:

– Peraí, vocês estão querendo ler e eu não vou deixar? Não, isso tá errado.

Foi lá dentro, voltou com três sacolas gigantes. “Vou colocar a data de devolução para daqui um mês, e vou abrir uma exceção para que possam levar tudo que quiserem”.

Saíram de lá carregados e felizes. Ainda existem pessoas dispostas a colocar a ética e o bom senso acima da burocracia e do sistema.

# Assombramento

Andávamos pelo parque acompanhando o pequeno, com seus dois anos, caminhando e olhando os bichos que circulam por lá. De repente um barulho de avião, daqueles que a gente olha e não tem avião nenhum, apenas o som distante e abafado. Olhei pra baixo e ele vidrado no céu, olhos arregalados como que procurando. Fiquei tentando imaginar o que poderia passar pela sua cabeça naquele momento, aquele barulho alto sem conexão visual com nada. Um bicho muito grande, talvez?

Nunca entendi bem o motivo de sempre lembrar dessa história e preservar nítido na memória a imagem e o som do momento. Acho que me comove a capacidade de assombramento do ser humano, e me entristece vê-la tão distante da rotina, do trabalho, da escola e desta sociedade em geral, cada vez mais aborrecida. Deve ser por isso mesmo, pois não tiro da cabeça a história que o Yvan contou outro dia do filho de 4 anos.

Morreu a avó, e meu amigo, cético e ateu, deu lá sua versão do falecimento. Outras pessoas da família contaram uma diferente, em que a avó virava estrela, o que muito deve ter lhe impressionado, pois lá pelas tantas foi ao pai e perguntou: “pai, se a vovó virou estrela, pra onde ela vai durante o dia?”. Responde essa, fera.

Como pode um lugar que pretende contribuir na educação das pessoas não se dar tempo para essas questões, dúvidas, curiosidades, perguntas, indagações, imaginações? Pois se o ambiente valoriza as ideias não cessam, e com as pergun-

tas a originalidade do pensamento, a criação em si. Original não é o necessariamente único, mas o que vem de dentro, da capacidade humana de ler, interpretar e criar o mundo.

Um de oito anos me deixou outro dia travado com uma expressão que meu cérebro simplesmente não conseguiu decodificar: “pode existir uma metáfora literal?”. Peraí, o que que foi, moleque?

E continuam, como o de 14, criador de imagens, metáforas e analogias brilhantes, como foi sua defesa por estudarmos a parte “do meio” da História do Brasil. Disse que geralmente as pessoas conhecem apenas as últimas décadas, da ditadura pra cá, e lá no começo, a chegada dos portugueses, primeiro contato com os índios e tal. “É como um sanduíche”, ilustrou, “o pão é bom, mas o recheio é a parte mais gostosa, onde fica o sabor mesmo”. Convenceu a todos, é claro.

O mundo que nos cerca pode nos arrebatar de diversas formas e a qualquer hora, e é por isso que o currículo não pode ser rígido, ou terá que abrir mão desse momento único do encantamento, esse outro tempo que criamos e que nos suspende por um instante do tempo corrente; são as grandes perguntas humanas, as dúvidas existenciais, a inventividade, a espontaneidade e a criatividade. Ali, justamente ali, está a essência de toda a aprendizagem, e deve haver algo de muito errado com uma educação que descarta sua matéria-prima, sua pedra fundamental.

# Concentração

Não poderia ter outro apelido que não “Soneca”. Tinha muito sono, mesmo frequentando a escola de tarde, o que tornava ainda mais surpreendentes suas participações. Às vezes, no meio de uma discussão em que havia estado o tempo todo com a cabeça em cima da mesa, erguia o braço e aguardava sua vez; só então levantava-se para compartilhar suas opiniões e observações, sempre pertinentes ao tema.

Em uma reunião com as famílias, o pai contou mais de sua história e da relação com a escola. Disse que havia sido diagnosticado com uma atividade cerebral acelerada, por isso muitas vezes caminhava de um lado para o outro e parecia falar sozinho, dialogando com as infinitas ideias que lhe vinham à mente. Então variava entre um estágio muito acelerado e outro de profundo repouso, o que na escola tradicional lhe causava grandes dificuldades. Não aceitavam seu sono e tampouco lhe permitiam desenvolver seu potencial, sentado em frente à uma carteira enquanto seu cérebro pedia espaço para trabalhar. A mudança de escola o fez tão bem que valia o sacrifício: saía todos os dias de Guarulhos para o centro de São Paulo, de ônibus com o pai, para poder frequentar um ambiente que acolhesse e respeitasse suas características.

Certa vez convidei-o para ser avaliador de uma pesquisa em outra escola, o menino de 6 anos pesquisava sobre determinado jogo de videogame que ele conhecia muito bem. Faziam assim: um sábado por ano os estudantes apresentavam suas investigações para pessoas de fora da escola, especialistas de cada área, e ouviam sugestões e críticas que os ajudassem a seguir com suas pesquisas. O pequeno contou tudo que descobriu sobre

o jogo até então. Chegado o momento dos comentários, nosso especialista falou bastante, elogiou mas também foi crítico, deu ideias e sugestões enquanto o menino ouvia com atenção. Terminada a avaliação, saio da sala para ver uma outra apresentação e ele fica assistindo a próxima; quando volto, o vejo no meio de outras pessoas, dormindo tranquilamente na cadeira. Assim funcionava sua atenção, alerta para o que lhe interessava ou reconhecia como importante, sonolenta para todo o resto.

Uns dois anos depois que ele saiu da escola, eu estava em uma roda de conversa sobre educação e política no dia de uma paralisação de professores, o debate era na rua. Então o vejo chegando com sua mãe, educadora da rede municipal. Não sei se foi a recém-chegada adolescência, o clima político acalorado do dia ou a companhia da mãe, mas naquela discussão não cochilou uma só vez.

# Convivências

Inventamos uma versão da brincadeira e a batizamos de “esconde-esconde zumbi”. Quando te acham pela primeira vez, precisa seguir o pegador até que alguém que esteja escondido te dê um ‘tchauzinho’, libertando-o para fugir na primeira distração.

Na segunda vez você recebe um colete e vira um ‘zumbi’, que fica vagando por aí caguetando a galera (mas não pode falar, zumbi não fala), fazendo barulhos e indicando com as mãos onde tem gente escondida.

Propusemos essa brincadeira num momento semanal em que aconteciam atividades variadas pela escola, e a molecada dos 4 aos 15 anos se inscrevia no que queria. Na primeira vez, nós, os mais velhos, inventores do jogo e os únicos que conheciam as regras, pensamos que seria muito complexo para a meninada do infantil, que se inscreveu em massa para participar. Assim, quando um deles era o pegador, um de nós ia junto ajudar, “pra não ficar muito fácil”, dizíamos uns aos outros baixinho, cúmplices.

Semana seguinte fizemos novamente a brincadeira, e mais tantos vieram participar. Em pouco tempo estavam os grandes, eu inclusive, andando atrás de um pequeno e sendo salvos por outro de 5 anos, ligeiro pra caramba, super sagaz e sacando perfeitamente qual era a do jogo.

Fácil coisa nenhuma, são sorrateiros, você relaxa e quando vê eles brotam sei lá de onde, “pego!”.

Acabaram com a nossa soberba.

---

Entre as opções, os cinco escolheram passar um tempo com os bebês. Organizaram uma apresentação, nem vi.

Depois uma das educadoras dos pequenos veio me dizer que assim, sem saber, sem ela ter dito nada, fizeram um espetáculo na linguagem exata, antecedendo o desafio que aquela plateia os colocava: tinha que ser um teatro não baseado na fala, bebês não falam.

Intuitivamente, apresentaram um lindo teatro de sombras.

-----

Estava bem animada com sua pesquisa sobre ursos polares. Não queria nada com o computador, preferiu fazer à moda antiga, com cartolina e tudo mais. Perguntei se queria apresentar para as crianças menores, os de 4 e 5 anos certamente gostariam de saber sobre o bicho. Quis.

Voltou quase uma hora depois, animadíssima. Foi recebida com muito carinho, ouviram com grande atenção, fizeram perguntas e comentários. Dias depois, a educadora do grupo veio me contar que na reunião com as famílias, uma mãe relatou que a filha um dia chegou em casa contando muitas coisas sobre o urso polar, que adorou o urso e a “menina grande que contava coisas sobre ele”.

-----

Inventamos os estágios. Cada um escolheria outro ciclo da escola para passar aquele horário semanalmente. Alguns participavam da atividade e ajudavam as educadoras e educadores do grupo; outros levavam propostas – um dava treino de futebol, uma quis ficar com os bebês, dois faziam brincadeiras de correr e alguns ainda quiseram estagiar em outras áreas da escola, como a portaria e a cozinha.

Ele escolheu o grupo de crianças entre 2 e 4 anos de idade. Aos poucos foi pegando o jeito, sendo mais responsável com seu horário e em planejar o que faria, para poder fazer coisas diferentes.

Na virada do trimestre tínhamos a possibilidade de reorganizar nossa rotina e as atividades que faríamos. Um dia bateram na porta da sala. Eram alguns pequenos me entregando

uma carta que fizeram junto com sua professora. Nela diziam o quanto gostavam dele e me pediam que pudesse continuar fazendo coisas com eles todas as semanas.

Naturalmente, foram atendidos.



# Intimidade

Andavam destruindo tudo. Não deixavam uma planta intacta, mexiam, arrancavam um pedaço, tiravam da terra para ver como era embaixo. Tinham entre 2 e 4 anos de idade, curiosidade a mil. Mas daquele jeito não dava, sobrava até para os insetos.

A professora então chamou um biólogo para realizar um projeto com o grupo. Conheceram mais sobre as plantas e animais, exploraram o ambiente para entender melhor tudo que havia à sua volta, saber seu nome e suas características. Do que precisavam para viver?

E assim, conhecendo, tornando-se íntimos daquele universo, foram criando uma consciência diferente sobre o espaço e tudo que havia nele, ao ponto de começarem um processo de autorregulação: “não pode fazer isso na planta”, disse ela quando um menino quis arrancar uma folha.

Autonomia e conhecimento andam juntos, desde sempre.

-----

Soube também que em outro grupo, mesma idade, estavam com dificuldades entre si. Mordidas, empurrões, manifestações agressivas dos sentimentos para os quais ainda não tinham dado nome, mas que sentiam profundamente.

Então as educadoras leram o livro O monstro de cores, cujo personagem não sabia identificar o que sentia. Cada sentimento tinha uma cor correspondente: felicidade, amor, calma, raiva, medo e tristeza. As crianças fizeram um mural e

foram separando os sentimentos do monstro, e também tinha espaço para que colocassem suas fotos de acordo com o que sentiam a cada dia.

Compreender e dar nome, expressar e comunicar para os demais foi um processo importante, mas ainda sentiam que faltava um sentimento que o monstro da história não soube nomear.

Então as crianças acrescentaram “com sono” à lista de cores.

# Conflito

Era o nosso primeiro “caso” desde que oficializamos nosso fórum de mediação de conflitos. Chamamos as testemunhas e os envolvidos. Todos concordavam em suas versões, menos o acusado. Dizia que não e que não, por mais que os demais o lembrassem com detalhes o episódio. Exitou em determinada parte da história que não lembrava bem, depois modificou sua versão, disse que se aconteceu algo foi sem querer, mas ceder não cedia.

Por mais que a todos estivesse bem claro para que lado pendia a verdade, não podíamos simplesmente decretá-lo culpado. Mas uma coisa admitiu: já tinha tido atitudes parecidas em outras ocasiões, como lembraram alguns dos presentes. Assim, acordamos o seguinte: durante aquela semana, todos os envolvidos observariam com maior atenção suas interações, sobretudo na quadra, onde aconteceu o problema. Não era pra ninguém ser vigia, mas prestar atenção se estava sendo mais cuidadoso, e dali uma semana nos reuniríamos novamente para saber como foi.

Tinha seis anos, não conseguiu admitir verbalmente sua atitude, era mais do que podia dar naquele momento. Mas ouviu dos colegas seus incômodos e as colocações dos outros que estavam ali como mediadores, se comprometeu com eles. Tanto que, na semana seguinte, ao ser perguntado sobre como tinha sido aquele período de observação, entregou-se sem querer: “essa semana eu não fiz de novo, não é?”

Todos concordaram, sorrindo.



# Assembleias

Nunca conseguira aceitar que ele tinha deixado de ser seu amigo. Eram próximos, mas tinha muitas dificuldades na interação social, até que o outro decidiu que não mais desejava sua amizade.

A partir de então viveu num mundo de amor e ódio, vivenciava intensamente aquelas sensações, variando entre atitudes de pura provocação a outras de súplica sincera por afeto e atenção. Nada resolvia, o menino não cedia, estava determinado.

O ano chegava ao fim, e percebeu que seria o último do colega na escola, pois iria para outro lugar cursar o Ensino Médio. Como último recurso, colocou na assembleia da escola uma pauta sobre amizades. Na frente de todos falou sobre desculpas não aceitas e amizades desfeitas, do amigo que iria embora sem dar a chance de retomarem a relação.

As crianças e adolescentes foram pedindo a palavra, uns comentando o assunto, contando de alguma história que tinham passado e até momentos da própria relação que estava sendo discutida – o conflito era de conhecimento geral. Mas o outro não cedia, não facilitava, mostrava-se irritado pelo assunto estar sendo discutido ali.

Quase no fim, uma criança levantou a mão e pediu: ele está se desculpando, por que não dá uma outra chance? Todos o olhavam, reforçando o pedido.

Então cedeu. Fez que sim com a cabeça, foi em direção ao outro com a mão estendida e recebeu um abraço apertado. Aplausos, comoção geral.

A assembleia terminou ali, e arrumávamos o salão. Os educadores mal se olhavam, cada um disfarçando a emoção para tentar seguir o dia depois de tudo aquilo.

A amizade não se refez, embora uma mínima convivência tenha voltado a acontecer durante as poucas semanas que ainda restavam do ano. Mas o exercício coletivo, a experiência de presenciar a coragem e sinceridade daquele pedido, o envolvimento geral para sensibilizar o rapaz, tudo que a sua atitude nos proporcionou valeu cada minuto, cada palavra e cada olhar daquela assembleia.

-----

Os eletrônicos estavam proibidos. Pelo que soube, o uso era livre até que começaram a surgir problemas, conteúdos inadequados, jogos violentos compartilhados com crianças pequenas, a conversa não resolveu e assim, para evitar maiores problemas, proibiu-se todo tipo de eletrônico.

Passou um tempo, e o incômodo aumentou. Dois meninos puseram como pauta, e na discussão foram lembrados os episódios e problemas que haviam levado à proibição. Combinamos então que os dois, com a minha ajuda, elaborariam regras de uso que seriam apresentadas na assembleia seguinte para aprovação ou não da proposta.

Sentamos os três. Eles estavam na escola há mais tempo, assim que tinham claro na memória os problemas que levaram àquela situação. Pensamos os horários em que se poderia usar, onde, por quem, para que, e o que aconteceria se isso não fosse respeitado. Semana seguinte a assembleia aprovou fazermos o teste.

Durante os anos que se passaram algumas regras foram revistas e modificadas, quem desrespeitou ficou uma semana sem poder usar, quem insistiu perdeu o direito por mais tempo, depois reconquistou; discutiu-se algumas vezes se poderia ou não utilizar redes sociais e outras questões relacionadas ao uso dos eletrônicos. Mas problemas graves não surgiram, e nunca mais cogitou-se a proibição.

A família pensava em colocá-lo em outra escola, estava então com 7 anos e andava reclamando de algumas coisas. A mãe tinha ido conhecer uma e contava para o pai sobre a visita. Ele estava no mesmo ambiente, mas entretido com outra coisa, parecia não ouvir a conversa. O pai então perguntou sobre como a escola lidava com a questão dos eletrônicos. “A diretora disse que é terminantemente proibido”. Sem tirar os olhos do que fazia, como que comentando em voz alta despreziosamente, disse:

– Por isso que eu gosto da minha escola, porque lá a gente participa das decisões.

Pararam de procurar.



# Consequências

Punição e consequência são conceitos bem diferentes, desde o dicionário: “punição” é castigo, correção, pena, condenação; “consequência” é o que deriva de algo, o que acontece em decorrência de determinada ação. Pode-se dizer que toda punição é uma consequência, mas não o contrário.

Na semântica pedagógica diferem ainda mais, e penso as duas da seguinte forma: uma punição é algo pontual, geralmente arbitrário. É expulsar da sala ou da escola, deixar de castigo, dobrar a quantidade de deveres de casa. Uma consequência é algo que ocorre a partir de uma atitude, algo que foi acordado previamente ou decidido coletivamente para lidar com uma situação. Gera reflexão, tem um caráter formativo, não corretivo.

Por mais que tenham significados distintos, podem se confundir em alguns momentos. Ao formular regras de convivência e consequências relacionadas a elas, não estamos garantindo que não possam haver injustiças e decisões equivocadas. Mas torná-las responsáveis de todos legitima o processo – tanto os acertos como os erros são coletivos.

Saíamos bastante da escola, e na rua estava claro o que poderia ou não acontecer. Sair correndo nem pensar, assim como atravessar a rua antes dos educadores. A responsabilidade nossa com vocês na rua é muito grande, eu dizia, assim que se pedimos algo, ou precisamos ir embora, isso precisa ser atendido. Caso contrário, na próxima saída não poderá nos acompanhar, pois não demonstrou ter compreendido e assimilado o que é necessário para a atividade. Simples assim,

e pouquíssimas vezes tivemos problemas caminhando ou andando de ônibus e metrô pela cidade.

Respeitar os ambientes coletivos também é condição, não dá para entrar no ônibus gritando e fazendo bagunça, estamos compartilhando o espaço com outras pessoas. Isso não quer dizer que precisamos ser múmias, pode conversar, dar risada – respeito e espontaneidade não são inimigos.

Mas se estamos jogando futebol e alguém xinga o outro, fica dois minutos fora e depois precisa conversar com o colega. Regra simples, todos concordam e ninguém precisa aturar qualquer tipo de provocação ou agressão verbal. Física então, nem pensar. O menino não aceitou a marcação do juiz, xingou, chutou a bola, não quis sair da quadra. Semana que vem vai participar? De forma alguma, até que ponha a cabeça no lugar, repense suas atitudes e demonstre isso para as pessoas com as quais faltou com respeito. Como aqueles dois, que não concordaram com o jogo escolhido pelo coletivo e boicotaram todo mundo. Ficaram de fora, só puderam participar na outra semana comprometendo-se com o professor de que mudariam sua atitude – aquilo não era uma aula particular.

O lanche é coletivo, não dá pra cada um simplesmente pegar a quantidade que quiser senão pode faltar para o outro. Ela enchia a mão, não esperava todos comerem para repetir, e quando encontramos a comida que havia escondido foi a gota d'água, estabelecemos que teria que ser servida por outro colega até que entendesse o conceito de coletividade. Cada um tem suas dificuldades e seu tempo de lidar com elas, mas o coletivo não pode estar simplesmente à mercê das vontades e tempos individuais. Precisa criar oportunidades para que as pessoas aprendam e se desenvolvam, mas também resguardar seu bem-estar, para que não perca sua identidade na sombra dos humores individualistas que rondam qualquer grupo de pessoas.

Ele faltou com respeito a uma funcionária da equipe de limpeza, menosprezou seu trabalho, foi grave. Decidimos então que, para ter a dimensão do trabalho e valorizá-lo, acompanharia e ajudaria a limpeza da escola junto com ela. Cansou, percebeu o tamanho e a dificuldade do trabalho, e nessa convivência estabeleceu uma relação que antes não tinha, passou a olhar para a pessoa e não sua função.

As meninas trouxeram o incômodo: ele havia tido atitudes machistas em mais de uma ocasião. Começou tentando minimizar, mas elas foram firmes, outros meninos também se manifestaram e resolvemos: para que entendesse de forma mais ampla as discussões de gênero, faria uma pesquisa sobre o tema e apresentaria para o grupo. A mãe chegou junto, leram textos no fim de semana, e nos contou sobre a violência contra as mulheres no Brasil e das desigualdades que ainda persistem, disse ter compreendido melhor a questão, desculpou-se por suas atitudes.

Elas fizeram uma bagunça inacreditável na sala de artes, derramaram tinta e outros materiais no chão, um caos, e ainda era quase a hora da saída. Dia seguinte foi inteiramente dedicado a que, juntas, orientadas por alguns adultos, deixassem a sala apta a que outras pessoas pudessem usar. Levaram o dia todo, puseram música, brincaram um pouco, mas no fim da tarde concluíram o trabalho. Não participaram de nenhuma das atividades previstas para o dia: que seria mais pedagógico, uma bronca e uma advertência enquanto outras pessoas limpavam o que fizeram?

Em muitas ocasiões tivemos dificuldades em lidar com certas situações; erramos na mão (para mais ou para menos), tomamos decisões ineficientes, voltamos atrás algumas vezes. Mas o processo sem dúvida foi o mais importante, as reflexões, debates, argumentações... E não sabemos mesmo lidar com tudo que aparece, somos uma espécie um tanto complexa. Admitir nossa imperfeição e compartilhar as responsabilidades são pressupostos na construção desse aprendizado.



# Fala

"Meu único problema com você é que exige que não te interrompam quando está falando, mas interrompe na vez dos outros". Estávamos sentados, nós dois, conversando após uma semana de estranhamentos. Perguntei quais eram seus incômodos comigo, e disse só ter esse.

Eu também tinha esse incômodo comigo, me esforçava para ter mais cuidado, não atravessar a ordem de fala, e me impressionou a segurança e maturidade que demonstrou ao apontar isso pra mim. Concordei com sua observação, disse que estaria ainda mais atento à questão e agradeci pela sinceridade, me ajudou a enxergar de forma mais clara minhas dificuldades. Não alterou a voz para falar, não tremeu, não titubeou. Foi assertivo e respeitoso, e ainda disse que entendia que, como educador, eu tinha mesmo que interceder, mas não tanto.

No meio de uma discussão, às vezes era meu papel intervir, problematizar algo ou apontar determinada questão que não estava sendo observada. Mas com isso também tirava a possibilidade de chegarem por conta própria àquelas percepções, e encontrar essa medida não é fácil.

Certa vez precisamos conversar com um estudante cujas atitudes estavam incomodando o grupo todo. No dia da conversa mostrou-se resistente, defensivo, e nada do que foi dito pareceu sensibilizá-lo. Combinei de ter uma conversa com ele e sua mãe para que nos ajudasse, quem sabe conversando com ele em casa poderia fazer com que percebesse melhor o problema e como poderia resolvê-lo.

Nos dias que se seguiram, após a reunião, as atitudes agressivas não apareceram, as interações com os demais passaram a ser mais afetivas. Quando chegou o dia em que teríamos nossa conversa coletiva semanal, pensei que seria uma ótima oportunidade de chamar a atenção de todos para a melhoria do nosso colega, de que parecia ter refletido mais e compreendido o que estávamos pedindo. Pensei que seria importante nesse processo ele perceber que víamos seu empenho.

Falamos de outros assuntos, e chegando no final levantei a mão para falar disso. Mas antes de mim outro menino tinha levantado a mão, um dos que mais apresentou incômodos sobre o tal colega. “Eu só queria dizer que eu percebi uma mudança grande nas atitudes dele, e que tem sido bem melhor a convivência”. Não era seu amigo, nunca foram muito chegados. Mas percebeu, com seus treze anos, que não só o colega estava agindo diferente como era importante reforçar isso perante o grupo, para incentivá-lo a seguir nesse caminho e também para que percebesse que não se tratava de forma alguma de uma “perseguição” a ele, como tinha dito anteriormente.

Se eu tivesse levantado a mão primeiro, teria perdido essa.

# No mundo

Líamos sobre os muros pintados de cinza pela prefeitura de São Paulo, uma menina trouxe a notícia para debatermos. Tinha ficado bastante incomodada em ver as inúmeras expressões coloridas que a cidade exibia em suas paredes cobertas agora por uma única tinta.

O tema mobilizou bastante o grupo, buscamos outras reportagens, fomos investigando o assunto, descobrindo artistas, técnicas, entrando em discussões importantes – o que é arte?, quem a define?, qual seu papel na sociedade? – e acompanhando os debates que aconteciam no momento.

Até que numa saída pelo bairro para observar e registrar estas manifestações urbanas, pensamos em montar uma exposição fotográfica. As artes urbanas são efêmeras por natureza, e naquele momento poderia ser realmente significativo registrar o que diziam as paredes e muros da nossa vizinhança antes que também fossem apagados. A possibilidade de fazer um trabalho que pudesse ter um alcance para além da escola e uma relevância para o debate público sobre o tema animou todo mundo, mãos à obra.

Caminhamos pelas ruas atentos a qualquer detalhe, qualquer coisa que dissesse. E diziam, tanto que suamos para escolher as 50 fotos que seriam impressas, mais ainda quando chegou a notícia de que um pequeno museu do bairro faria um evento de reinauguração e nos convidou para estrearmos nossa exposição justamente nesse dia.

Soube do convite e reuni todos na sala. A oportunidade era essa, mas é para a semana seguinte, o que significa que

teremos que alterar nossa programação para dar tempo de visitar o lugar, preparar tudo, montar e estar disponíveis no domingo para o evento. Todos toparam, e reorganizamos tudo que estava planejado para dar tempo, e além de toda a preparação das fotos elas ainda precisavam de legendas. Foi corrido, mas conseguimos montar tudo.

No dia da exposição estavam orgulhosos, ainda mais com os elogios que vinham de quase todos, muitos moradores do bairro reconheciam aqui e ali suas ruas e o que diziam as paredes vizinhas. O trabalho e esforço de todos gerou beleza e reflexão, dialogou com o coletivo.

Fomos ainda ver, semanas depois, a grafiteagem de uma grande parede realizada perto da escola. Conversamos com os artistas, contamos do nosso projeto, perguntamos o que pensavam do assunto e ainda nos emprestaram algumas latas de tinta para testarmos uns rabiscos num mural improvisado de papelão.

Escola não é para simular a realidade, mas vivê-la.

# Camaradagem

Era um grupo grande, umas 20 pessoas. Havia gente de outros lugares, mas em sua maioria eram alemães, educadores de jovens tidos como “desistentes”. Por isso o nome, *Street College*, escola da rua. Vinham ao Brasil às vezes por conta de parcerias que mantinham com alguns projetos por aqui, e dessa vez quiseram nos visitar.

Conversamos durante toda a manhã, mas disse que seria mais interessante se pudessem vivenciar um pouco da escola e conversar com os estudantes, então voltaram no fim da tarde. Expliquei aos estudantes que teríamos que arriscar nosso inglês ou a comunicação seria impossível. No início estavam um pouco desconfortáveis com isso, alguns quase não sabiam inglês, mas aos poucos foram tentando. Os que sabiam ajudavam na tradução e conforme as perguntas vinham, mais queriam dar um jeito de participar da conversa.

Um menino levantou e encenou algo de improviso, todos rimos. Depois um convidado comentou do cubo mágico que estava nas mãos de outro, e contamos que ele conseguia resolver o cubo em 40 segundos. Querem ver? Começaram a cronometrar, e todos em volta incentivando e torcendo para nosso companheiro conseguir. Conseguiu.

Ao fim da conversa, saí da escola com os visitantes e nos sentamos em um lugar para continuar o papo. Me contaram que a visita tinha sido além da expectativa, que já era alta. Ficaram encantados com a conversa com a molecada, e para minha surpresa o que mais lhes chamou a atenção foi a camaradagem que sentiram, que apoiavam uns aos outros, pareciam orgulhosos de mostrar as qualidades presentes.

Não é sempre que temos as “condições ideais”, com um grupo formado basicamente por estudantes que já tinham alguns anos na escola e estavam acostumados àquela maneira de trabalhar. Mas naquele ano tínhamos, e vimos tudo que era possível fazer. No entanto, temos dificuldades de observar certos aspectos no turbilhão dos dias, e aquele comentário dos nossos visitantes me fez perceber essa conquista, que era de todos.

Um tempo depois me escreveram, dizendo o quanto aquele encontro tinha impactado o trabalho deles. “Foi importante ver que aquilo é possível”, disseram. Pra nós também.

# Recepção

Chegou para fazer um estágio de observação, daqueles obrigatórios dos cursos de licenciatura. Não sei se escolheu a escola pelo projeto ou simplesmente caiu lá, mas por dois meses iria acompanhar algumas de nossas atividades.

Nos primeiros dias já criou intimidade com o grupo, perguntava, oferecia ajuda. Nos acompanhava nas idas à biblioteca, e no caminho sempre mantinha animadas conversas com os estudantes. Quando tivemos que encarar o desafio de montar uma exposição em menos de uma semana, abraçou a causa, trabalhou bastante. Já era mais um educador do grupo.

Terminado o estágio, agradeceu e disse ter ficado muito feliz pelo modo como foi recebido por todos, pelo espaço que encontrou para contribuir, apresentar suas observações e sugestões, e que havia sido bem diferente dos outros estágios que já havia feito.

A sensação de ser um intruso ou mesmo invisível é bem comum para quem já teve a experiência destes estágios obrigatórios. Geralmente, o estagiário é visto como um incômodo, e de preferência deve sair mudo como entrou. Esta profissão, já bastante mal vista pelos salários e condições de trabalho da grande maioria, ainda exige que se supere o desencorajamento de boa parte dos profissionais.

O último que tive que fazer, lembro bem, foi numa escola municipal que iniciava um projeto experimental. Escolhi por isso, e por essa escolha gastava 4 ônibus e 4 horas pra ir e voltar, além da van que subia e descia o morro. Logo na primeira semana, esquentava minha marmita na sala dos professores,

e um deles fez questão de pedir que saísse para que pudessem falar de algo particular. Compreendi, apenas pedi que esperasse a comida esquentar para que eu pudesse almoçar. Ele insistiu que tinham pouco tempo, e não poderia abrir mão dos 30 segundos que faltavam para o apito do microondas. Insisti que precisava comer naquele horário e acabou tendo que ceder, e por essa audácia convivi com seu olhar atravessado por 4 meses.

Outra amiga educadora conta de sua primeira passagem pela sala dos professores. Havia estudado naquela escola municipal quando criança, por isso escolheu fazer seu primeiro estágio justamente ali. No primeiro dia, as palavras de incentivo: “por que não procura outra coisa?”. Ficou sem saber o que dizer, e enquanto processava aquele comentário, outra arrematou: “essa aí não vai durar”.

# Músico

Fazia de tudo um pouco, sempre com muito talento e cuidado. Consertava, pintava, construía, plantava, para tudo tinha uma solução. Era tímido, gentil com todos e carinhoso com as crianças.

Um dia alguém soube de sua história e do único talento que ninguém ali conhecia: era músico. Mas era no passado mesmo, quando viajou o Brasil com sua sanfona e o grupo de forró do qual fazia parte. Depois mudou de vida, e a religião o fizera deixar a música para outras funções.

Foi convidado para tocar nos eventos da escola, mas dizia que não. E disse não por muito tempo, até que o pedido foi para que tocasse apenas para as crianças, elas adorariam vê-lo com a sanfona.

Aceitou, e a alegria do reencontro com seu instrumento deve ter sido tão grande que aceitou também tocar no sarau da escola e em outras ocasiões, menos na festa junina, que é festa católica.

Um dia escutei o som da sanfona no meio da tarde e saí para procurar. Vinha do espaço onde ficavam os bebês, atentos e alegres ouvindo e vendo aquele homem e sua sanfona, oferecendo a eles um pouquinho de exceção à regra.

Não há de existir Deus que se zangue com isso.



## ○ mestre

Não era das letras nem dos números, nem dos esportes ou das artes plásticas; a leitura o aborrecia, as discussões e debates também; vez ou outra dizia algo e mostrava interesse, mas eram raros os momentos. Da adolescência tinha preguiça, cada coisa a seu tempo e cada indivíduo sabe de si. Gostava era de brincar de pique, era alto e isso tornava a correria com os menores ainda mais atrativa, um elemento a mais. “O gigante!”, e corriam.

Mas seu maior prazer estava mesmo no trabalho, quanto mais pesado melhor, e sempre com seu mestre. Toda vez que tinha um serviço na escola, consertar cadeira, trocar lâmpada, limpar calha, lá estava ele, aprendiz compenetrado e esforçado. Voltava suado e com um largo sorriso contando de tudo que fizeram, do problema que deu e como tinham feito para resolver. E que amanhã tinha mais.

Era difícil acessá-lo, conversar de forma mais profunda, suas respostas eram monossilábicas e diretas. Tinha os amigos, claro, mas compartilhava pouco de seus interesses. Com o mestre não, falava pelos cotovelos e tinha sempre assunto. E o ouvia.

Quando foi chamado na assembleia para responder por algo que tinha feito, negou-se a ir. Alguém foi lá e não conseguiu, depois fui eu, a coordenadora, um amigo, ninguém o convencia. Então pedimos ao mestre. Minutos depois entram juntos no salão e sentam-se lado a lado. O mestre o acalmou quando contrariado, explicou o que pediam dele e que era bem razoável o pedido, que não estava bem aquela atitude.

Saiu bravo como entrou, mas foi capaz de ouvir – falar não quis – e se comprometeu com um par de coisas.

O mestre, de ofício era zelador; de verdade, seu mais legítimo educador.

-----

Sempre que existia a possibilidade de trabalharem com ele tinha um grupinho querendo participar. É sabido que nas escolas que proporcionam este tipo de atividade o interesse é grande: marcenaria, carpintaria, eletrônica, toda sorte de trabalhos manuais são oficinas e aulas geralmente cheias. E produtivas.

Naquela semana estavam especialmente animados pois iriam remendar uma parede. Chegada a hora, uma chuva escandalosa prometia-se toda enquanto preparavam os materiais. Subi para uma atividade e em seguida transbordou-se o céu, distraíndo-nos completamente do que fazíamos na sala. A obra, lembrei, era na área externa; fiquei com pena, esperaram a semana inteira e agora isso, fui vê-los.

Desci as escadas e no corredor em frente havia uma barraca improvisada. Debaixo dela, engenhosamente protegidos da chuva por uma armação de plásticos e sacos de lixo, riam e conversavam enquanto preparavam uma mistura de cimento ao fim da tarde de uma sexta-feira chuvosa.

# Alguém

Me chamaram na portaria. Ele estava sempre discutindo com ela na hora da saída, queria sair antes; por mais que explicássemos da responsabilidade da escola para com ele, que era o trabalho dela garantir a segurança de todos na hora de ir embora, insistia, ficava frustrado; e naquele dia estourou, ofendendo-a.

Depois conversamos eu e ela apenas. Estava muito chateada pelo modo como havia sido tratada, e não só naquele dia, abria a porta sempre com um sorriso no rosto e muitos nem agradeciam. Estava desiludida. Eu disse que, agora que havíamos conversado sobre o assunto e percebido o que estava acontecendo, poderíamos pensar em como lidar com aquela situação, que dedicaríamos tempo e energia para mudar aquela percepção, mas estava desesperançada.

Então começamos com uma discussão sobre o trabalho, a função, como em algumas profissões os indivíduos tornam-se invisíveis. Onde mais vemos isso acontecer? Saíamos com frequência da escola, e tivemos muitas oportunidades de ritualizar a entrada, de uma forma leve mas séria: preparávamos alguma brincadeira ao entrar (como entrarem todos mudos e sérios ou o contrário, cantando alguma música), e passamos a observar e relembrar o básico, um “obrigado”, um “boa tarde”, ou mesmo um sorriso, olhar nos olhos.

Aos poucos as interações passaram a ser mais espontâneas e incorporadas à rotina. Quando iniciamos os estágios, acompanhá-la semanalmente foi escolhido por alguns. Anotavam horários de chegada e saída, levavam coisas e recados, tratando com seriedade a recepção de quem chegava na escola.

Um disse, inclusive, que ficou impressionado com o trabalho, pensava que era mais simples.

No último dia daquele ano, agradeceu pelo carinho. Relatou não só uma melhora significativa na relação com os estudantes, mas que, sobretudo, tinha passado a se sentir alguém ali dentro, e o bem que aquilo tudo lhe fez.

A educação ou é para todos ou será para ninguém.

# Aprendizado

Eu tinha escutado *Maria Maria* no fim de semana, e pensei que seria legal ouvirmos e lermos a letra juntos, ainda mais que era seu nome. Saí de casa com o disco na mochila – o impacto da capa era importante – e imprimir a letra. Antes que pudesse propor a atividade, começamos a conversar e ela me disse que gostaria de escrever sua história, tudo que passou, que hoje melhorou mas já foi muito difícil, e falou que a infância não houve, que era o dia todo no roçado do pai; era pesado, queria escrever de quando chegou aqui, que agora estava bem, sozinha com os filhos, mas nem sempre foi assim.

Para além do trabalho pesado de faxineira e da jornada dupla em casa, enfrentava 5 ou 6 horas por dia só no trajeto. Agora, aos quarenta e tantos anos, queria melhorar sua leitura e escrita, tinha muitas dificuldades.

Gostava de falar da sua história, mesmo sendo difícil. Parecia não ter muitas oportunidades para contar do que passou, de compartilhar tudo aquilo. Se empolgava e lembrava de cada detalhe com muito gosto. Nosso trabalho então seria esse, decidimos, registrar sua história.

Ouvimos a música e lemos a letra. Quando o Milton disse que “é preciso ter força, é preciso ter raça”, ela concordou com a cabeça e comentou: “precisa mesmo, né?”

Ela pensava que quem ensinava era eu.



# Mérito

Escrevia muito bem. Frequentava o pré-vestibular comunitário à noite, depois do trabalho e do Ensino Médio formal. Dizia que valia o esforço dobrar, pois tinha muita falta de professores no colégio. Mas não era boba. Quando minha aula de redação caiu pra sexta-feira no último horário, saía mais cedo e me dizia, sorrindo: “ah professor, eu vou tirar dez mesmo, não é?”. Sim, era verdade.

Tanto que conseguiu entrar na universidade. Mas outros não, como aquela senhora de 62 anos, mesmo descendo o morro de manhã e só voltando no fim do dia, mesmo fazendo redação às nove da noite de sexta-feira depois de um dia inteiro de trabalho, pra depois subir ladeira até em casa. E começar tudo de novo.

Meritocracia no olho dos outros é refresco.



# Elogio à falta de desconfiança

Meia-noite na maior cidade do Brasil, região central.

Caminho com os cachorros, e de repente reparo em vários desenhos na rua. Ando mais e vejo que os artistas ainda estão lá: três crianças, cada uma com um retalho de parede transformado em giz. Passo olhando, comento, e vão me explicando. "Fiz a letra do meu nome, tá vendo?". Um dos desenhos tem um símbolo fálico, e a menina vai logo me dizendo: "esse não fui eu, tio!".

Às vezes passa um carro, obrigado a diminuir sua velocidade, mas no geral a rua é deles, não há quase ninguém. Me explicam outros desenhos, e ela insiste, com um sorriso: "aquela safadeza foi ele ali que desenhou!". O menino ri, todos rimos, elogio novamente e me despeço.

Em tempos de medo generalizado, paralisante, aquelas crianças tomam a rua pra elas, ignorando as estatísticas e os números e as paranoias.







Neste livro o posicionamento é direcionado em defesa da empatia, colaboração, cooperação e solidariedade. O respeito à humanidade e suas construções culturais é peça fundamental do mosaico proposto pela concepção de educação do Bruno. A argumentação sincera compõe o discurso da democracia atuante em prol de uma sociedade crítica, equilibrada entre o rigor científico e a espontaneidade da criatividade humana.

*Crônicas de uma Educação Possível* mostra que com muitas mãos se faz uma canoa, para fruir a imensidão das travessias da vida escolar e a diversidade de suas margens.

Francis, maio de 2018



Bruno Martins é educador com formação em Pedagogia e História. Trabalhou como tutor na Escola Lumiar São Paulo, além de outras experiências na Educação Infantil, Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos. Em 2014 publicou o livro "Oprimidos da Pedagogia: de Paulo Freire à Educação Democrática".



Em meio ao fracasso generalizado do modelo de educação que conhecemos, surgem diversas experiências fundamentalmente diferentes da escola tradicional. Nessa descoberta, muitas dúvidas aparecem sobre estas práticas. Como se constrói, no dia a dia, esta democracia? Como se aprende? Como se avalia? Quais os maiores desafios? Como acontece a convivência entre diferentes idades?

As histórias aqui reunidas são uma pequena amostra das incontáveis possibilidades que surgem quando busca-se construir uma educação mais participativa e democrática, ao lado das crianças e adolescentes, das famílias e equipe de trabalho, dialogando com todos que participam, direta ou indiretamente, da desafiadora tarefa de educar.

Este livro nos ajuda a melhor compreender e visualizar estas práticas pedagógicas, que pretendem transformar radicalmente a experiência escolar e contribuir para a formação de pessoas autônomas, solidárias e responsáveis.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-53023-01-1



9 788553 023011